

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

QUELEN PEREIRA PINHEIRO

**TECENDO LÃ, LINHA OU MEDIAÇÃO DE CONFLITO?
OS ALUNOS COMO ATUANTES PRINCIPAIS NESTA COSTURA**

Jaguarão

2017

QUELEN PEREIRA PINHEIRO

**TECENDO LÃ, LINHA OU MEDIAÇÃO DE CONFLITO?
OS ALUNOS COMO ATUANTES PRINCIPAIS NESTA COSTURA**

Relatório Crítico Reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia dos Santos Moura

Jaguarão

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

654t Pinheiro, Quelen Pereira

Tecendo lã, linha ou mediação de conflito? Os alunos como
atuantes principais nesta costura / Quelen Pereira Pinheiro.
81 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2017.

"Orientação: Patrícia dos Santos Moura".

1. Conflito. 2. Mediação de conflito. 3. Escola. 4. Aluno.
I. Título.

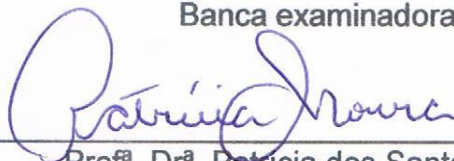
QUELEN PEREIRA PINHEIRO

**TECENDO LÃ, LINHA OU MEDIAÇÃO DE CONFLITO?
OS ALUNOS COMO ATUANTES PRINCIPAIS NESTA COSTURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação.

Dissertação defendida e aprovada em: 29 de Agosto de 2017.

Banca examinadora:



Prof^a. Dr^a. Patricia dos Santos Moura
Orientadora
(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Lucio Jorge Hammes
(UNIPAMPA)



Prof^a. Dr^a. Silvana Maria Aranda
(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Jaime José Zitkoski
(UFRGS)

Dedico este Relatório Crítico Reflexivo aos meus queridos pais, Sandro e Ana Cristina, meus maiores motivadores e doadores incansáveis de apoio e carinho.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta caminhada, sinto a necessidade de agradecer àqueles que foram tão importantes e que fizeram parte desta, para que eu pudesse realizar o curso de mestrado. Assim, agradeço...

... primeiramente a Deus por me dar força, saúde e me manter no foco;

... aos meus amados pais, que incansavelmente me incentivaram e sempre me proporcionaram aconchego quando me sentia cansada e desmotivada;

... aos meus amigos, que com palavras de motivação, faziam me sentir forte e seguir em frente;

... aos meus novos amigos e colegas desta caminhada, que com suas dificuldades também me faziam ver que tudo é possível;

... a minha colega Verônica Rodriguês que, com a mesma insegurança, me fazia ser forte para também apoiá-la nesta caminhada;

... ao meu companheiro que dividiu o nosso relacionamento com este objetivo;

... a minha grande orientadora Prof^a. Dr^a. Patrícia dos Santos Moura, que acreditou em mim mais uma vez e, com sua cobrança, me tornou mais crítica e, com seus elogios mais, confiante;

... aos membros da banca de qualificação que contribuiram imensamente para que esta pesquisa se tornasse qualificada;

... ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da UNIPAMPA, pelas condições de estudo e ao prestativo atendimento de sua Secretaria;

... aos alunos que fizeram parte desta pesquisa e me proporcionaram realizá-la de forma satisfatória;

... à Escola Municipal Lauro Ribeiro, que me proporcionou o espaço para o desenvolvimento desta pesquisa;

... e ao apoio da equipe diretiva desta escola, que me disponibilizou tempo e compreensão para que esta se tornasse possível.

[...]
A história da Tecelina começa bem lá no
princípio. Ora essa! Toda a história
começa do princípio, mesmo que o
princípio seja o fim. Mas a história da
Tecelina começou no princípio do
princípio [...].

(SOUZA, Gláucia de. Tecelina. 4.ed.
Porto Alegre: Editora Projeto, 2007, p.
07).

RESUMO

Este Relatório Crítico Reflexivo tem a intenção de propor às turmas do 2º e 3º ano do ensino fundamental a análise e a mediação de conflitos que ocorrem dentro da sala de aula, pelos próprios alunos, em uma escola da rede pública municipal de Jaguarão/RS. Após a realização de leituras e pesquisas para a construção deste trabalho, foi possível perceber que existem conceitos diferentes para caracterizar conflito, seja na perspectiva da violência ou na perspectiva que o toma como algo produtivo. Conforme a investigação destes diferentes conceitos e partindo do olhar como orientadora educacional desta escola, foi possível perceber que o termo conflito é mencionado diariamente nas escolas pelos docentes, sendo então pertinente que esta discussão possa ser incluída no currículo escolar. Além disso, compreendo que os conflitos estão presentes entre os pares, surgindo a necessidade de mediá-los. O método desta pesquisa é do tipo intervenção pedagógica e, a partir de uma investigação inicial, foi possível selecionar estes sujeitos e elaborar aulas, para que os alunos do 2º e 3º ano realizassem a análise e a mediação dos conflitos presentes entre eles, tornando-os atuantes nesta proposta. A metodologia desta proposta está dividida em duas partes, na primeira descrevo o método da investigação utilizado para a preparação das aulas. E, na segunda, está descrita como foram realizadas as análises dessas aulas, em que ficou visível a compreensão construída pelos alunos sobre as concepções do conflito e a importância da mediação para cada fato ocorrido, disseminando aos colegas suas diferentes características e formas de mediá-los. Como resultado, a partir das percepções e construções dos alunos é que se tem convicção da necessidade e importância de incluir o conflito nas discussões dos currículos escolares. Assim este Relatório Crítico reflexivo contempla as noções de conflito, mediação e suas possíveis relações com a docência e a necessidade de sua inclusão no currículo escolar.

Palavras-chave: Conflito. Mediação de conflito. Escola. Aluno.

RESUMEN

Este Informe Crítico reflexivo tiene la intención de proponer a las clases de 2º y 3º año de la enseñanza fundamental el análisis y la mediación de conflictos que ocurren dentro del salón de clase, por los propios alumnos, en una escuela de la red pública municipal de Jaguarão/RS. Después de realizar lecturas e investigación para la construcción de este trabajo, fue posible percibir que existen conceptos distintos para caracterizar conflicto, sea en la perspectiva de la violencia o en la perspectiva que lo toma como algo productivo. Conforme la investigación de estos distintos conceptos y partiendo de la mirada como orientadora educativa de esta escuela, fue posible percibir que el término conflicto es mencionado diariamente en las escuelas por los docentes, siendo entonces pertinente que esta discusión pueda ser incluida en el currículo escolar. Además, comprendiendo que los conflictos están presentes entre los pares, surgiendo la necesidad de mediarlos. El método de esta investigación es de tipo intervención pedagógica y, a partir de una investigación inicial, fue posible seleccionar estos sujetos y elaborar clases, para que los alumnos del 2º y 3º año realizaran el análisis y la mediación de los conflictos presentes entre ellos, tornándolos actores en esta propuesta. La metodología de esta propuesta está dividida en dos partes, en la primera describo el método de la investigación utilizado para la preparación de las clases. Y, en la segunda, está descrita como fueron realizadas las análisis de esas clases, en que se quedó visible la comprensión construida por los alumnos sobre las concepciones del conflicto y la importancia de la mediación para cada hecho ocurrido, diseminando a los colegas sus diferentes características y formas de mediarlos. Como resultado, a partir de las percepciones y construcciones de los alumnos es que se tiene convicción de la necesidad e importancia de incluir el conflicto en las discusiones de los currículos escolares. Así, este Informe Crítico Reflexivo contempla las nociones de conflicto, mediación y sus posibles relaciones con la docencia y la necesidad de su inclusión en el currículo escolar.

Palabras clave: Conflicto. Mediación de conflicto. Escuela. Alumno.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem utilizada para a leitura.....	46
Figura 2 – Desenho ilustrando a presença de amigos e familiares no passeio imaginário.....	52
Figura 3 – Desenho ilustrando presença de familiares no passeio imaginário.....	52
Figura 4 – Representação da família.....	53
Figura 5 – Imagem utilizada para a leitura.....	55
Figura 6 – Texto coletivo.....	57
Figura 7 – Literatura infantil: “Quando um não quer dois não brigam”.....	62
Figura 8 – Imagem do Jogo de trilhas: “Concepções sobre conflito”.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Entrevista aplicada.....	36
Tabela 2 – Questões do questionário.....	38
Tabela 3 – Aulas propostas.....	43

LISTA DE SIGLAS

CRE- Coordenadoria Regional de educação

OE- Orientador educacional

PET- Programa de Educação Tutorial

SOE- Serviço de Orientação Educacional

RS - Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 TECENDO AS PRIMEIRAS PALAVRAS.....	14
2 NAS ENTRELINHAS DE MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL.....	17
3 TRICOTANDO COM PESQUISADORES E INTRODUZINDO CONCEITOS.....	20
3.1 Uma incursão entre as diferentes concepções sobre conflito.....	20
3.1.1 Concepções sobre conflito na perspectiva da violência e da negatividade.....	21
3.1.2 Conflito na perspectiva produtiva.....	23
3.2 Mediações de Conflito.....	25
3.3 Currículo e Relações de Conflito.....	28
4 COSTURANDO OS FIOS DA METODOLOGIA.....	34
4.1 Metodologia da investigação e sujeitos da atuação.....	34
4.1.1 Avaliação da investigação.....	39
4.2 Elaborando as propostas: Metodologia do projeto de intervenção.....	42
4.3 Construindo a avaliação da intervenção.....	47
5 TRAMANDO AS CENAS DA SALA DE AULA.....	49
6 TECENDO AGORA AS ÚLTIMAS PALAVRAS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES.....	77
ANEXOS.....	80

1 TECENDO AS PRIMEIRAS PALAVRAS

O conflito escolar é uma temática atual na área da educação, mas o tema além de estar sendo frequentemente discutido, tem sido relacionado à violência, à agressividade, à indisciplina e, muitas vezes, ao bullying. Diante de algumas pesquisas é possível perceber que o conflito não é apenas uma temática, mas, sim, um acontecimento que está diariamente presente nas escolas e nos espaços de socialização. Alguns autores como Chevitarens e Moura (2009), Santos (2001) e Pacheco (2006) defendem esta condição de que conflito é caracterizado como violência; outros, tais como Hammes (2009) e Chrispino (2002, 2007)¹ consideram importante e necessária a presença do conflito entre os sujeitos, os quais necessitam saber lidar e conviver com as diferenças. Nesse último sentido, a proposta do conflito apresentada nesta pesquisa se caracteriza como diferença de pensamentos, ideias e posicionamentos.

Nas escolas, um dos profissionais que muitas vezes está à frente das mediações de conflitos é o orientador educacional (OE), profissional que visa diariamente complementar a gestão escolar. Este profissional foi reconhecido pelo Decreto nº 72486/73 e pela Lei, nº 5564/68. No decorrer dos anos este foi perdendo seu espaço dentro das escolas, sendo muitas vezes substituído por profissionais que não caracterizam sua função, que é auxiliar, colaborar e promover os alunos para uma vivência escolar adequada. O Serviço de Orientação Educacional (SOE) é necessário no ambiente escolar e segue seu intento pelo reconhecimento e conquista de seu espaço, para que as escolas possam contar com este profissional que auxilia no desenvolvimento dos alunos, conjuntamente com os professores e a gestão escolar.

Na convivência com alunos e professores dentro das escolas como orientadora educacional, função esta que é voltada para a formação do aluno na construção para a cidadania e participação política, percebi que nestes espaços, independentemente de sua localização, sejam em bairros de periferia, bairros centrais ou localidades rurais, emergem conflitos entre os alunos. Estes momentos são percebidos pelos docentes como situações que devem ter a intervenção da direção e coordenação pedagógica escolar. Diante dessas vivências, observei o

¹ Para citar apenas alguns.

interesse e a necessidade de pesquisar mais intensamente sobre a questão do conflito. Esse interesse decorreu do fato de que as situações conflituosas de sala de aula são recorrentemente dirigidas à orientação educacional para sua resolução, não ocorrendo a tentativa prévia de mediação pelo docente na própria sala de aula.

Diante do exposto esta pesquisa propôs a análise e a mediação das situações de conflito que ocorrem na sala de aula pelas próprias crianças. Para atingir este objetivo foi necessário: planejar aulas que contemplem pedagógica e didaticamente a noção de conflito; investigar as representações das crianças acerca da noção de conflito; discutir com as crianças algumas concepções de conflito; analisar fatores que podem gerar situações específicas de conflito; conduzir as crianças a exercerem o papel de mediadoras dos conflitos em sala de aula.

A proposta desta pesquisa está voltada metodologicamente para o tipo “intervenção pedagógica” e foi realizada na Escola Municipal de Educação Básica Lauro Ribeiro, que está localizada na zona rural do município de Jaguarão, Estado do Rio Grande do Sul (RS).

Dessa forma, este trabalho contempla as noções de conflito, propõe a mediação e aprofunda possíveis relações com a docência e o currículo. O estudo está dividido em mais cinco capítulos.

No capítulo que segue (Capítulo 2) apresento as relações entre: *nas entrelinhas de minha trajetória acadêmica e profissional* e a escolha da temática desta pesquisa, desde o momento em que ingressei na universidade para cursar a graduação até o momento em que me encontro atualmente. O capítulo terceiro *Tricotando com pesquisadores e introduzindo conceitos*, trata das concepções teóricas que embasam este trabalho, sendo dividido em três seções: a primeira aborda conflito em duas perspectivas – da negatividade, relacionando-a com a violência, e a perspectiva produtiva, que se percebe como necessária na convivência entre sujeitos; na segunda seção, discuto a necessidade da mediação dos conflitos como forma de acolher as diferenças; a terceira seção é destinada à abordagem de questões relacionadas ao currículo, para subsidiar a possibilidade da inclusão do conflito como temática escolar. No quarto capítulo, *Costurando os fios da metodologia*, descrevo a metodologia utilizada para o diagnóstico, a avaliação do diagnóstico, a realização da intervenção e a avaliação da intervenção. No capítulo seguinte (Capítulo 5), *Tramando as cenas da sala de aula*, está a análise dos dados da intervenção, onde são apresentadas as minhas discussões junto a dos alunos,

através dos procedimentos metodológicos propostos e com a interação dos autores. Por fim, apresento o sexto e último capítulo, *Tecendo agora as últimas palavras*, sistematizando o que foi apresentado nos capítulos anteriores. Assim como Tecelina², procuro costurar as cenas de sala de aula às minhas observações e falas das crianças, para costurar os fios dos objetivos a que me propus e dar vida à tecitura da mediação.

² Sinopse do livro *Tecelina* (2007): Tecelina tece manta, tece roupas e tece também histórias. Ela aprendeu a tecer com a mãe, que aprendeu com a avó, que aprendeu com a bisavó... Só que a Tecelina aprendeu a tecer “do avesso” e isso faz com que ela tenha muitas histórias para contar... Tecelina é uma narrativa com ares de poema, com ilustrações cheias de movimento e brincadeiras para os olhares atentos.

2 NAS ENTRELINHAS DE MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

[...] Eu resolvi contar a história da Tecelina, primeiro porque seu nome era esquisito. Segundo porque ela... Ah! Vamos ver tudo do princípio. (SOUZA, 2007, p. 04).

Neste capítulo acredito ser importante falar brevemente sobre minha trajetória acadêmica e profissional, esta que me instigou diariamente e que me motivou a realizar esta pesquisa. No ano de 2008, ingressei na Universidade Federal do Pampa para cursar Licenciatura em Pedagogia. Os quatro anos da graduação foram de muitas conquistas e aprendizados. Além de poder participar como bolsista no laboratório de informática da própria universidade, também fui selecionada para o “Programa de Educação Tutorial (PET): História da África”. Em decorrência desse projeto, participei também de diversos eventos que contribuíram para a minha formação.

No ano de 2012, concluí a graduação e iniciei a especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Dom Bosco, (Instituto Educar Brasil). Esta escolha de pós-graduação *latu sensu* se deu por interesse na continuidade dos estudos e porque me possibilitava maiores oportunidades de trabalho. Nesse curso, surgiram maiores curiosidades sobre as relações entre aprendizagem e afetividade e, assim, meu trabalho de conclusão foi uma pesquisa bibliográfica sobre “A importância da afetividade familiar no processo de aprendizagem”.

No ano seguinte, em 2013, mesmo antes de terminar essa especialização, fui nomeada no concurso da prefeitura municipal de Jaguarão, para atuar com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Nesse ano foi possível colocar em prática alguns dos aprendizados que adquiri nos meus estudos e estágios, percebendo que estamos em constante aprendizado. No meu primeiro ano como professora concursada, atuei como substituta dos professores titulares, sendo que no período em que estava nas diversas turmas, trabalhava com reforço de conteúdos. Estes eram selecionados através das queixas dos professores e, principalmente, das dificuldades dos alunos. No terceiro trimestre desse mesmo ano, fui direcionada para atuar como professora regente em uma turma de pré-escola, a qual havia

sofrido com muitas mudanças, por exemplo, de professores. Tais mudanças ocorreram por alguns conflitos entre pais e docentes.

No ano de 2014 fui contratada pela 5ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), para trabalhar em uma escola estadual, assumindo o cargo de orientadora educacional. Esta escola é localizada no centro da cidade de Jaguarão, tendo cerca de 700 alunos, contemplando turmas de primeiro ano do ensino fundamental até curso Técnico em Contabilidade. Diante de tantas diferenças de classes, gêneros e cultura, foi neste espaço que iniciou meu interesse pelo estudo e aperfeiçoamento na área que ia ao encontro da minha pesquisa sobre aprendizagem e afetividade.

No seguinte ano fui convidada a atuar como orientadora educacional também na escola do município, na qual tinha minha convocação, atuando 40 horas semanais como OE. É possível dizer que o ano de 2015 foi de muitas conquistas e novos aprendizados, ou seja, auxiliando na gestão escolar de duas escolas tão distintas, sendo uma escola estadual localizada no centro da cidade e outra escola municipal localizada em bairro de periferia, cada escola com sua organização, característica e público, mas ambas com situações-problema próximas e semelhantes. Também as duas escolas demonstravam o mesmo objetivo, que é tentar preparar os alunos para um futuro mais promissor e com pensamentos críticos.

Para que eu pudesse auxiliar essas duas escolas e os seus alunos com mais qualidade, fui buscar novos aprendizados. Desse modo, realizei alguns cursos de extensão sobre dislexia, Síndrome de Irlen e mediações de conflitos. Também realizei leituras sobre bullying e dificuldades de aprendizagem. Nesses cursos, as curiosidades e ansiedades aumentaram cada vez mais, e percebia a necessidade de realizar intervenções e buscar novos auxílios para ajudar os professores e os alunos.

Em busca constante de aperfeiçoamento, participei da seleção para o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa, curso de Mestrado Profissional, no qual consegui ingressar. Ingressei neste curso, no segundo semestre de 2015, com a proposta de realizar um projeto de intervenção na escola estadual em que atuava, no centro de Jaguarão. A principal inquietação era como amenizar os chamamentos ao SOE para resolução de discussões e desentendimentos entre os alunos no pátio da escola. Assim o tema que surgiu para realizar a pesquisa foram os conflitos escolares que estavam presentes naquele

espaço. A proposta inicial seria uma formação com os professores dos anos iniciais, incluindo-os na mediação dos conflitos escolares juntamente com a OE.

No ano de 2016, por motivos pessoais, solicitei meu remanejamento de uma escola municipal para outra, localizada na zona rural no município. Para tanto, houve a necessidade de pedir o desligamento do contrato na 5ª CRE da escola estadual, na qual inicialmente seria realizada a intervenção deste trabalho. Trabalho 40 horas semanais nessa outra escola da zona rural, dividindo minha atuação como professora regente das turmas de 2º e 3º ano do ensino fundamental e no turno inverso, como orientadora educacional. Isso vem me possibilitando perceber que os conflitos escolares existem em diversos espaços, sendo viável observar que nesta escola onde atuo também surgem de forma significativa conflitos, tanto na dificuldade dos alunos em respeitar a opinião dos colegas como dos professores compreenderem o pensamento uns dos outros, embora a gestão escolar realize as intervenções necessárias para amenizar tais situações. Diante das resistências dos professores, foi necessário repensar a proposta inicial de intervenção.

Assim a proposta realizada foi com os alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental, incluindo-os nas discussões, análises e mediações dos conflitos, aproveitando meu olhar como OE e realizando a proposta que anteriormente seria oferecida aos professores, mas agora de forma redimensionada, a qual está descrita em detalhes no Capítulo quatro - *Costurando os fios da metodologia*.

3 TRICOTANDO COM PESQUISADORES E INTRODUZINDO CONCEITOS

Quando eu vi o que era tecer em pedaços, aprendi um pouco também, É por isso que eu conto essa história aos pedacinhos: porque eu quero e porque Tecelina lembra aos pouquinhos. (SOUZA, 2007, p. 25).

Neste capítulo será discutido sobre três assuntos que sustentam esta pesquisa: no primeiro momento é realizada uma abordagem das diferentes concepções do conflito, seja ele visto de forma negativa ou necessária para a relação entre sujeitos. Após, é realizada uma abordagem sobre as mediações de conflito, mostrando alguns momentos em que a mediação se torna indispensável na amenização de situações conflituosas. E, para finalizar este capítulo, é realizada uma discussão sobre o currículo, percebendo a necessidade de inclusão do conflito como uma temática a ser incluída no planejamento do trabalho pedagógico.

3.1 Uma incursão entre as diferentes concepções sobre conflito

A discussão acerca de conflito não é atual, vem sendo discutida em diversos países. Através da revisão bibliográfica percebi que o conflito não era algo visibilizado e discutido teoricamente de forma isolada, mas sim, junto com os conceitos de violência e agressividade. Os autores Chevitarens e Moura (2009) argumentam que a violência e os conflitos passaram a ser pensados pela sociedade burguesa, pois é entendida como problema sociológico. Embora o conflito tenha como proposta, através dos pensamentos filosóficos, o método caracterizado pela diferença e desacordo de pensamento, estes autores ainda defendem esse pensamento que a estratégia de resolução é a utilização da agressividade física.

Outros filósofos e pesquisadores como Hammes (2009) e Chrispino (2002, 2007) também concordam que o conflito apresenta-se nas diferenças, mas partem de que o conflito não é algo ruim.

Assim, é possível caracterizar o conflito em dois pontos distintos, sendo embasados por pesquisadores, que dividem em: conflito como uma situação violenta e, em outra perspectiva, como não sendo algo ruim e sim necessário.

3.1.1 Concepções sobre conflito na perspectiva da violência e da negatividade

Nesta subseção apresentarei o conflito como atitude de violência e agressividade embasada em alguns relatos dos autores Chevitarensse e Moura (2009), Jares (2002), Pacheco (2006) e Santos (2001).

Ao pesquisar a palavra conflito, nos dicionários³, percebi que seu significado está relacionado à violência, como choque, luta, combate, guerra, constrangimento físico ou moral, ação violenta, colisão e à própria violência.

Autores e pesquisadores como Pacheco (2006, p. 32) apresentam o conflito como diferenças de pensamentos e opiniões e que muitas vezes utilizam a força física como forma de resolução, ou seja:

Conflitos que nascem de meras diferenças de opinião ou de metodologia, mas que geram perspectivas por vezes contraditórias geradoras de diferenças problemáticas de interpretação das ocorrências, ou mesmo de situações de agressividade física violenta, sempre que se verificam dificuldades em gerir o conflito e se resolve adoptar a estratégia que se pensa resultar sempre – a força física.

Essas diferenças são problemáticas de interpretação, pois muitas vezes os sujeitos não conseguem identificar as desigualdades como apenas um pensamento distinto do seu, como um ponto de vista e acarretam em situações violentas e agressivas. Frente a isso, quando se relata sobre conflitos escolares, estes são citados como situações de antagonismo conflituoso que necessitam de uma “resolução” destacando que alguma atitude decisiva tenha que ser tomada, como forma de acabar com estes fatos.

Estes pesquisadores abordam o conflito como um sinônimo de violência e agressividade. Pensamentos e conceitos como estes ainda permanecem muito presentes nos espaços sociais, principalmente nas instituições escolares, sendo vivenciados pelos docentes e discentes que as frequentam. Um dos autores apresenta um conceito sobre conflito, associando-o como algo negativo que se faz necessário corrigir ou evitar. O pesquisador Jares (2002, p.132) apresenta uma concepção tradicional de conflito, apresentando como:

A concepção tradicional de conflito dominante atualmente é aquela que o considera como negativo em diversas acepções, que podem ser: conflito

³ Conforme Luft (2000) e Ferreira (2008).

como sinônimo de desgraça, de má-sorte; conflito como algo patológico ou aberrante; conflito como disfunção; etc.

Assim como este autor citado acima, outros pesquisadores também percebem o conflito como uma “disfunção”, mas além de conceitualizá-lo, outros “justificam” alguns fatos como indutores desta violência, ou seja, do conflito. E de acordo com Santos (2001), o conflito se apresenta também como questões sociais globais que se manifestam como violência evidenciando que estamos em conflitualidades colocando em risco a função social da escola e prejudicando a socialização das novas gerações. Já que a violência nasce da lógica da exclusão e se manifesta também pelas crises de identidade, Santos (2001, p. 108) também relata que: “O prolongamento da adolescência, o medo do desemprego, os novos modelos familiares, geram uma crise de identidade entre os professores e os alunos que frequentemente estão na base dos conflitos”.

Sobre estas crises, surgem os sentimentos de exclusão, levando os sujeitos a sentirem-se em conflito consigo mesmo e tendo atitudes violentas com os seus pares. Estes são alguns fatores que geram a violência e agressão entre os sujeitos, e relacionando-os como comportamentos conflituosos. Já o pesquisador Estevão (2008, p. 509) destaca que os conflitos são gerados também por outros fatores.

No caso dos conflitos entre pares, os factores de indisciplina e violência podem estar: na falta de alguma homogeneidade do grupo-turma; na sobrelotação das escolas; ou na inexistência de condições de convívio acolhedoras e atractivas. No caso de os conflitos se estabelecerem entre os professores e os alunos, as causas podem estar: nas expectativas negativas; na menor interacção dos professores; no uso de maior severidade na acção disciplinar e avaliativa; no facto de os professores se imiscuírem na esfera privada do aluno; na ironia...

Para estes autores, o conflito e a violência estão *diariamente* juntos, ou seja, uma noção está relacionada à outra ou substituindo ou justificando-a. Santos (2001) percebe também a necessidade que se reestabeleça algumas regras para que se possam criar soluções, já que a escola é uma rede de relações e sempre haverá divergências. Embora seja percebido que o conflito ou a violência continuem presente e sejam caracterizados muitas vezes como sinônimos, este autor percebe a necessidade de uma resolução destes atos nos espaços escolares, já que estes são ambientes sociais, e as crianças e jovens convivem diariamente neste ambiente, constituindo-se numa arena de múltiplas identidades.

Assim, dou continuidade a este estudo, realizando um aprofundamento com outros autores que divergem da relação do conflito com a violência e a agressividade.

3.1.2 Conflito na perspectiva produtiva

O conflito é uma temática que apresenta um campo de discussão bem abrangente, o qual expressa uma constituição histórica diversificada e intensa, sendo que esta não é uma temática nova, e cada vez mais nos deparamos com diferentes tipos de relações no âmbito escolar.

Conflito se torna uma situação diariamente presente quando se tem contato com mais pessoas, principalmente que pensam e se expressam de forma distinta. Não é necessário sentimentos de empatia para que momentos conflituosos surjam, pois entre colegas, amigos e familiares próximos, que dividem relações agradáveis e de respeito, também surgem momentos de discordância. Nessas relações também ocorrem em seu interior conflito de forma intrapessoal.

Conforme mencionado anteriormente, conflito não se refere apenas a uma situação violenta e ao uso da força física, é visto e abordado por alguns pesquisadores, por exemplo, Hammes (2009) e Crispino (2002, 2007) como algo necessário para a convivência entre outras pessoas.

Os conflitos não devem ser encarados como situações ruins, mas sim como dificuldades a serem vencidas tanto em nossa vida pessoal quanto nas instituições escolares, para que possamos construir uma cultura de paz. O pesquisador Hammes (2009, p. 87) relata sobre estas concepções:

O conflito é tradicionalmente encarado como algo ruim e negativo. No entanto não é, em absoluto, obstáculo a uma cultura de paz, estando na gênese de muitos grupos sociais, constituindo-se em fonte importante de mudanças e transformações.

Este mesmo autor, além de defender que é necessária uma cultura para a paz, também parte da compreensão de que o conflito é considerado “normal⁴” na relação entre as pessoas.

⁴ Termo utilizado por Hammes (2009).

Parte-se da compreensão do conflito como algo normal que se estabelece no encontro de pessoas. Compreende-se que quando existem pessoas há pensamentos e posicionamentos diferentes que podem resultar em conflitos. E a escola, além de ser um espaço de aprendizagem, é também um lugar de encontro de pessoas. (HAMMES, 2009, p. 90).

Este entendimento de que o conflito é resultante de pensamentos e posicionamentos diferentes também se relaciona com a pesquisa de Chrispino (2007, p.16):

O conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda no esforço de entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Percebe-se que não existe aqui a noção estrita de erro e de acerto, mas de posições que são defendidas frente a outras, diferentes.

O conflito sendo parte integrante da vida, independente do momento em que se esteja vivendo, constitui-se em uma condição para o crescimento humano, pois é nas diferenças que nos reconstruímos e crescemos, para que de forma democrática possamos discutir e defender nossos pensamentos e ações. Também nos faz refletir que realmente é necessário entender a diferença entre as situações violentas e conflituosas, embora as situações de desentendimento e de conflito de ideias, quando não são bem mediadas ou discutidas, podem gerar agressões, isto por que surgem frustrações quando nossos pensamentos ou ideias não prevalecem em um grande grupo ou do qual fazemos parte. Para que este sentimento não acarrete em situações de violência ou agressividade entre os pares, é necessária a compreensão de cada circunstância. Chrispino (2007, p.15), sendo um pesquisador que relata sobre as situações de conflito e presando por mediações, aborda que:

Conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. A partir disso, todos os que vivemos em sociedade temos a experiência do conflito. Desde os conflitos próprios da infância, passamos pelos conflitos pessoais da adolescência e, hoje, visitados pela maturidade, continuamos a conviver com o conflito intrapessoal (ir/não ir, fazer/não fazer, falar/não falar, comprar/não comprar, vender/não vender, casar/não casar etc.).

Como vimos, os conflitos surgem desde a infância de forma intrapessoal, afirmando assim o que temos esclarecido juntamente com outros autores. Os

conflitos não são vistos apenas como ruins, eles são percebidos como necessários para o nosso crescimento pessoal.

E as escolas são lugares propícios para estas situações auxiliando os alunos no entendimento de como se caracterizam realmente os conflitos. Este pensamento vai ao encontro do que o pesquisador Estevão (2008, p. 510) também relata:

Assim sendo, o conflito na escola ganha um novo sentido: ele é encarado de modo positivo e até como necessário ao crescimento dinâmico do ser humano, dependendo sobretudo do modo como forem tratados e solucionados, dentro de um ambiente afectivamente quente e construtivo.

Diante dos conceitos apresentados e as discussões realizadas juntamente com os autores, percebe-se que o conflito embora vivido diariamente, torna possível a realização de uma mediação, como forma de amenizar os anseios dos envolvidos e evitar futuras atitudes violentas.

3.2 Mediações de conflito

De acordo com as concepções sobre conflito discutidas nesta pesquisa, é necessário apresentar meios para a mediação destes, independente de ser caracterizado como violento ou não. *A mediação deve proporcionar um espaço neutro, de responsabilidade e justiça, para que se possa oferecer aos envolvidos segurança e novas possibilidades de socialização, principalmente no ambiente escolar.* O pesquisador Tomás (2010, p. 27) defende a mediação como necessária, ou seja:

A forma mais eficaz e assertiva de chegar a um consenso e de prevenir um determinado conflito é a mediação. Tal como já foi dito anteriormente, o conflito e a violência estão, cada vez mais, presentes nas escolas manifestando-se de várias formas com efeitos devastadores para toda a comunidade educativa, até mesmo mergulhando a escola numa crise de legitimidade. Para inverter esta tendência é necessário desenvolver uma educação para a convivência e para a gestão positiva dos conflitos, a fim de se construir uma cultura de paz, de cidadania e de sã convivalidade no meio escolar.

A vontade e a necessidade de prevenir o conflito são com a intencionalidade de que estas situações não se transformem em atitudes violentas e agressivas entre os alunos, já que na escola surgem muitas ocasiões conflituosas. Chrispino e

Chrispino (2002, p.19) destacam bem a importância das mediações: “[...] o conflito, e depois a violência, surgem da negação da palavra e do diálogo no espaço escolar. Se vista por esta ótica, a mediação de conflitos é remédio eficaz”. Nesta citação fica clara a importância do diálogo entre os docentes e alunos nos ambientes escolares. Para que estas conversas aconteçam é importante a intervenção da gestão escolar e, principalmente, do orientador educacional (OE), já que não disponibilizamos de um mediano exclusivo com formação amparada por lei, ou seja, que obtenha preparação específica como mediador. Faz-se necessário que o OE utilize de sua função para auxiliar nestes momentos. Isto também se deve porque este profissional tem como função auxiliar e colaborar com os alunos para uma vivência escolar satisfatória. No decreto nº 72.846/73 que regulamenta a Lei nº 5.564/68, que prevê o exercício da profissão do orientador educacional, está destacado que:

Art. 1º Constitui o objeto da Orientação Educacional a assistência ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito do ensino de 1º e 2º graus, visando o desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas.

Conforme o decreto mencionado acima, o orientador educacional dá assistência aos educandos, mas percebe-se que também é possível um auxílio aos docentes, já que em uma escola a coordenação pedagógica trabalha em conjunto, lutando em prol do bom andamento e crescimento do ambiente escolar.

Assim, os docentes podem sentir-se também responsáveis pelas mediações escolares, já que alfabetizar e “formar”⁵, além de construir conhecimentos pedagógicos, é, também, auxiliar e preparar os alunos para relações extraclasse e que possam se expressar e entender a convivência de maneira democrática, ou seja, para que se sintam-preparados e seguros ao anunciarem-se na sociedade em que vivem.

Estas mediações não necessariamente devam ocorrer apenas pela gestão da escola e o orientador educacional, pois os espaços de desentendimentos se estendem da sala de aula ao entorno da escola, sendo possível realizar mediação e intervenção através dos docentes. Estes podem utilizar momentos de suas aulas

⁵ Utilizo o termo caracterizando como preparar o aluno para atividades educacionais e profissionais futuras.

para realizá-las conversando com os alunos sobre as diferenças de pensamento, escolhas e formas de ação, incluindo este diálogo diante a temática nos seus planos de aula. Assim como menciona Arantes (2007, p. 60):

Ora, uma formação que visa à construção de valores de democracia e de cidadania não pode ignorar os conflitos pessoais e sociais vividos por seus atores, mas deve, sim, conceder um lugar relevante às relações interpessoais. Concebendo os conflitos interpessoais como um conteúdo essencial para a formação psicológica e social dos seres humanos, um caminho profícuo para a construção de sociedades e culturas mais democráticas e sensíveis à ética nas relações humanas seria introduzir o trabalho sistematizado com conflitos no cotidiano escolar.

Para realizar a mediação é preciso que o sujeito responsável por fazê-lo deva colocar-se em uma posição em que não influencie na diferença de pensamento e manifestações dos atuantes, que esteja em uma posição neutra, não “tendendo” para nenhuma das partes, mas sim que auxilie no entendimento e compreensão de ambos envolvidos, que é possível convivermos com diferenças em uma sociedade democrática. Arantes (2007, p. 61) ressalta ainda que:

Entendemos que uma das formas de se trabalhar a convivência democrática pressupõe o emprego de técnicas de resolução de conflitos no cotidiano das escolas, principalmente se os conflitos em questão apresentarem características éticas que solicitem aos sujeitos considerar ao mesmo tempo os aspectos cognitivos e afetivos que caracterizam os raciocínios humanos.

As diversas técnicas de mediação devem surgir mesmo que não haja violência no ambiente escolar e sim apenas conflito, estes que são causados por até mesmo frustrações isoladas, também entendemos que as mediações nestes espaços se fazem necessárias, não tirando a responsabilidade de outros órgãos (gestão escolar, família, conselho tutelar, ministério público e entre outros), mas que podem ser amenizados pelos docentes dentro das escolas. Conforme Zampa (2009, p. 40), nas instituições escolares é possível abranger duas linhas de mediação, sendo elas:

1- La implementación de experiencias de mediación y negociación entre pares estudiantes con una finalidad pedagógica, trabajando, ya sea en un espacio específico o incluyendo estrategias áulicas tendientes a la adquisición y mejora de las habilidades sociales o para la vida (escuchar, plantear y analizar los conflictos, reconocer al otro, identificar las diversas posibilidades de abordaje y resolución), estrechamente relacionada con la

Educación para la paz, la convivencia y la vida democrática. Esto es, trabajar las herramientas que se utilizan en negociación y mediación en lo cotidiano.

2- Servicio de mediación para los conflictos que pudieran darse entre otros actores institucionales con la presencia de un mediador que debe reunir los requisitos mínimos de formación que se establece para la mediación en otros ámbitos, además de contar con conocimiento del sistema educativo, su estructura, organización, sistema de relaciones, discursos que atraviesan las instituciones, significaciones del conflicto en el sistema, esto es del contexto donde se producen estos conflictos.

É válido que estas diversas estratégias de mediação esclarecem que não é apenas o mediador que resolve, ele proporciona o espaço para que as partes envolvidas compreendam e estes solucionem seus conflitos. Dessa forma, Zampa (2009, p. 39), também afirma que:

El mediador no da respuesta al conflicto, no da soluciones, sino que es responsable de sostener un espacio para que el conflicto sea elaborado constructivamente, abordando el conflicto de manera que las partes puedan reconocerlo, reformularlo, resolverlo.

Então, independente como o conflito é visto ou abordado, é necessário proporcionar a mediação, para que os atuantes avaliem suas atitudes e tenham oportunidades de repensá-los.

Assim é possível concluir este ponto destacando que a mediação é a uma prática de intervenção e conciliação de conflitos que promove o desenvolvimento de cada sujeito e possibilita o exercício de uma cidadania participativa. (TOMÁS, 2010).

Concordo com Hammes (2009) e Chrispino (2002, 2007), que concebem conflito como algo necessário para o crescimento do ser humano como ser pensante, e que nas instituições educativas é importante que se tenham propostas de mediação, para que uma situação conflituosa não se torne violenta, mas sim a manifestação da diferença de opiniões e escolhas. Afasta-se assim a ideia de que no conflito haverá um vencedor e um perdedor: é também criando hábitos de diálogo e acordos participativos e aumentando a compreensão e respeito entre os sujeitos – que dissolve conflitos (ARANTES, 2007).

3.3 Currículo e relações de conflito

O currículo deve propor mais que apenas uma lista de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, mais que fatos prontos para serem discutidos e

apresentados aos nossos alunos. Assim como ainda necessitamos atualizar nossos currículos para podermos realizar discussões mais aprofundadas referentes às nossas culturas, é preciso que outras temáticas também sejam incluídas e discutidas diariamente, desde os primeiros anos escolares.

A temática conflito ainda está esquecida nos nossos currículos e discussões de sala de aula. O que percebemos em nossas escolas é parte da gestão escolar realizar intervenções pontuais nas situações de agressividade e violência entre nossos alunos e, quando conversamos com os professores, estes acreditam que faz parte do trabalho da equipe diretiva realizar esta mediação. Embora se presencie cada dia mais a violência escolar, é necessário também esclarecer o tema conflito, este que não é violência e agressividade, e sim situações conflituosas de diferenças de pensamentos e ideias, mas não como ato de agressão necessariamente. Penso que se forem trabalhadas diariamente as situações de conflito e incluirmos em nossas propostas pedagógicas esta discussão, vários fatos de violência serão amenizados, já que estes acontecem também por motivos de discordâncias mal interpretadas e não aceitas pelos pares atuantes.

Ainda se torna muito difícil conceitualizar cultura, mas esta se apresenta diariamente nas instituições escolares e sociedade em geral. Entre os grupos se percebe as diferenças de ideias, posicionamentos, vestimentas, alimentação e gostos distintos em geral, e as pessoas se agrupam por afinidades em busca de um bem estar, não sei se um bem-estar social ou pessoal, mas que estes buscam seus pares para que juntos possam usufruir e dividir experiências semelhantes. Conforme Hall (1982 apud EAGLETON, 2005, p. 55),

Uma concepção de cultura igualmente generosa, como as “práticas vividas” ou “ideologias práticas que capacitam uma sociedade, grupos ou classe a experimentar, definir, interpretar e dar sentido às suas condições de existência”.

Nas instituições escolares percebem-se os diversos tipos de grupos e a necessidade de se realizar uma proposta que abranja a todos, em que cada aluno sinta-se incluído fazendo parte deste ambiente, pois estamos em uma sociedade em que as tecnologias estão mudando diariamente, e com elas os seres humanos também sofrem diversas mudanças. Assim como mudanças estruturais, nós também mudamos nossos pensamentos e nos comunicamos diariamente com pessoas

diferentes. Estas mudanças também podem ser caracterizadas como culturas, novas culturas. Eagleton (2005, p. 61) relata que:

Cultura em resumo, deixou de ser parte da solução para ser parte do problema. Não é mais um meio de resolver rivalidades políticas, uma dimensão mais elevada ou mais profunda na qual pudéssemos encontrar um ao outro puramente como humanos; ao invés disso, tornou-se parte do próprio léxico do conflito político.

Conforme mencionado anteriormente caracterizar cultura é muito difícil, mas o que percebo é que o conflito é uma prática cultural e está inserido na cultura juntamente na diversidade. A palavra cultura nos ambientes escolares surge como diversas vivências, ou seja, “diversidades”, e estas distintas vivências nos levam a pensar em diferenças de pensamentos e costumes, diferenças estas que também caracterizam conflito.

Este tema deve representar um espaço de diálogos na sala de aula, com propostas de discussões nos currículos escolares, como forma de auxiliar nas mudanças e convivências. Sacristán (2013, p. 10) estabelece relações entre cultura e currículo.

Se por um lado o currículo é uma ponte entre cultura e a sociedade exteriores às instituições de educação, por outro ele também é uma ponte entre a cultura dos sujeitos, entre a sociedade de hoje e do amanhã, entre as possibilidades de conhecer, saber se comunicar e se expressar em contraposição ao isolamento da ignorância.

Em contraposição a esse isolamento, o currículo deve realmente passar por atualizações, para que neles possamos discutir e propor novas temáticas de discussão, podendo ser estas a dança, o teatro e também o conflito.

Embora muito presente no cotidiano da escola, o conflito como tema ainda não foi incorporado ao currículo escolar.

O currículo instiga os alunos a desconstruírem suas ideias e construírem novos pensamentos, proporcionando também aos professores mostrar aquilo que acreditam e desejam ser para seus alunos. Sacristán (2013, p. 9) argumenta que:

O currículo, no sentido que hoje costuma ser concebido, tem uma capacidade ou um poder de inclusão que nos permite fazer dele um instrumento essencial para falar, discutir e constatar novas visões sobre o que acreditamos ser a realidade da educação, como o consideramos no presente e qual o valor ele tinha para a escolaridade no passado.

O poder de inclusão de novos conceitos que o currículo proporciona autoriza falar e discutir sobre temas distintos, abrindo novas possibilidades de estudos e aprendizagens. Se incluirmos no currículo o tema conflito, será possível realizar melhores discussões sobre este com os alunos e os professores, facilitando assim uma melhor mediação nos desacordos de pensamentos e decisões. Isso corrobora com um dos principais objetivos das propostas curriculares na escola, que é formar alunos críticos e democráticos. Nessa direção, destaca Santomé (1995, p. 159),

Uma das finalidades fundamentais de toda a intervenção curricular é a de preparar os/as alunos/as para serem cidadãos/ãs ativos/as e críticos/as, membros solidários e democráticos de uma sociedade solidária e democrática. Uma meta desse tipo exige, por conseguinte, que a seleção dos conteúdos do currículo, os recursos e as exigências cotidianas de ensino e aprendizagem que caracterizam a vida nas salas de aula, as formas de avaliação e os modelos organizativos promovam a construção dos conhecimentos, destrezas, atitudes, normas e valores necessários para ser bom/boa cidadão/ã.

A preparação do currículo deve ter um olhar cuidadoso e crítico frente à seleção dos conteúdos que irá compô-lo. Penso que a necessidade de incluirmos o assunto conflito nos currículos é de grande importância para o andamento da escola e convivência dos alunos. Além do ambiente familiar, na escola também criamos nossos vínculos de amizades e relações, convivemos com pessoas distintas de nós, com pensamento, atitudes, ideias e posicionamentos diferentes dos nossos. E é necessário saber lidar com todas essas diferenças, para que possamos viver em harmonia e com respeito entre todos. Conforme Santomé (1995, p.159),

Uma instituição escolar que trabalha nesta direção precisa colocar em ação projetos curriculares nos quais o alunado se veja obrigado, entre outras coisas, a tomar decisões, solicitar a colaboração de seus companheiros/as, a debater e criticar sem medo de ser sancionado negativamente por opinar e defender posturas contrárias às do/a docente de plantão.

Os nossos alunos devem sentir-se seguros em poder expressar seus pensamentos e tomar suas decisões tranquilamente, sem precisar se sentir amedrontado por ter um pensamento distinto dos outros. É preciso que nossos currículos e professores estejam aptos a mediar estas diferenças, presando pelo bem estar de nossos alunos e comunidade escolar. Como mencionado

anteriormente, as diferenças são consideradas como conflitos de ideias e pensamentos e não situações agressivas e violentas.

A necessidade de incluir esta temática em nossos currículos se dá pela importância de discutir questões de convivência dentro do espaço escolar. Dessa forma, os professores poderão tratar com legitimidade os conflitos, assim como qualquer outro conteúdo escolar. Considerando que os grupos humanos são caracterizados por culturas⁶ diferentes, as situações de conflito necessitam ser mediadas. Nesse sentido, Pacheco (2006, p. 173) argumenta que:

A mediação de conflitos entre os alunos (mediação entre pares) surge, então, na sequência do desejo de uma resolução pacífica desses conflitos e da vontade de criação de um clima salutar de sã convivência entre todos os elementos de uma comunidade educativa que proporcione um clima propício à aprendizagem.

Nos planos de estudos também, a parte documental dos currículos está desatualizada necessitando de adaptações e reformulações anualmente, abrangendo as nossas culturas, dos alunos, pais e professores e abordando as dificuldades e necessidades encontradas por esses sujeitos. Sendo que o currículo propõe o envolvimento abordando os interesses da comunidade escolar em geral. Inspirando-me na concepção de currículo de Santomé (1995, p. 176), considero que:

As salas de aula não podem continuar sendo lugar para memorização de informações descontextualizadas. É preciso que o alunado possa compreender bem quais são as diferentes concepções do mundo que se ocultam sob cada uma delas e os principais problemas da sociedade a que pertencem.

As salas de aulas devem estar acompanhadas desses currículos atualizados e criativos, para que nossos alunos pratiquem e aprendam sobre democracia, esta que não está somente na política, mas sim na forma democrática de aceitar o pensamento e as opiniões dos seus pares. Sacristán (2013, p. 11) também acredita que é necessário termos uma sociedade democrática, ou seja:

Em uma sociedade democrática, esse pluralismo e os conflitos inevitáveis devem ser abordados explicitamente. É necessário que se tornem públicas as diferenças e que estejamos abertos ao diálogo e à participação de todos os agentes e posições controversas.

⁶ Segundo Eagleton (2005, p. 54), “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”.

Torna necessário que os professores participem da criação desses currículos, exercendo a democracia em seu espaço de trabalho e colocando em debate as desigualdades e injustiças.

4 COSTURANDO OS FIOS DA METODOLOGIA

Eu sempre gostei de contar história, porque história é que nem fio: a gente tece e o fio cresce, a gente inventa e tudo o que a gente tenta se transforma em coisa nova. (SOUZA, 2007, p. 04).

Ao definir a pesquisa e os sujeitos foi possível esboçar a proposta do projeto de intervenção e, após, a organização do Relatório Crítico Reflexivo. Este trabalho objetivou contribuir para a efetivação da cultura da mediação de conflitos por alunos dos 2º e 3º ano do ensino fundamental através de aulas aplicadas. As pesquisas deste tipo são, conforme Damiani, “investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam”. (DAMIANI et al., 2013, p. 58). Para que o objetivo desta pesquisa fosse alcançado, utilizei alguns procedimentos metodológicos que foram descritos a seguir, apresentados em quatro tópicos e suas subseções: Metodologia de investigação e sujeitos da atuação; Avaliação da investigação; Elaborando as propostas: Metodologia do projeto de intervenção; e Construindo a avaliação da intervenção.

4.1 Metodologia da investigação e sujeitos da atuação

O método da investigação é como uma sondagem para anteceder a proposta de intervenção, para que possamos obter melhores resultados e que estes tenham mais consistência. Quando existe investigação, a pesquisa se torna mais completa e se obtém maior participação dos sujeitos, já que serão discutidos temas de interesse dos participantes e dificuldades apresentadas pelos mesmos, diante a temática. Moraes e Neves (2007, p. 19) argumentam que:

A metodologia de investigação é uma metodologia mista que se afasta da dicotomia entre abordagens naturalistas e racionalistas, enquanto recorrendo a características associadas a ambas as formas de inquérito, quantitativa e qualitativa. A abordagem racionalista presente na concepção dos modelos de análise traduz uma opção metodológica da investigação que, se acredita, pode contribuir para dar maior consistência aos resultados obtidos e, conseqüentemente, permitir a emergência de novo conhecimento.

Os métodos de investigação utilizados tiveram como propósito produzir técnicas qualitativas e não apenas quantitativa. Considerando que, para a pesquisa estar completa após a investigação, os sujeitos foram selecionados depois da observação não estruturada, realizada no espaço escolar de atuação. Estes foram selecionados por mim (pesquisadora), a partir da noção de que os conflitos não surgem apenas na adolescência e vida adulta, mas sim desde criança. Dessa maneira, escolhi os alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental (turmas distintas que estudam na mesma sala de aula, devido ao pouco número de alunos), dos quais era professora regente de classe, no ano de 2016. Além da questão de iniciar a mediação de conflitos na infância, penso o quão importante é introduzir as mediações e intervenções em um ambiente escolar.

Este ambiente é uma escola rural, localizada na Granja Bretanhas, há 45 km da sede do município de Jaguarão, abrangendo a educação infantil, ensino fundamental (anos iniciais e finais), ensino médio e curso técnico em Agropecuária, contemplando filhos e funcionários desta localidade e também crianças e jovens de arredores.

Após observações e seleção dos sujeitos, foi possível perceber que para uma pesquisa do tipo intervenção é importante que se realize uma investigação, para que esta abranja os interesses e motivações dos envolvidos, propondo uma pesquisa qualitativa. Para realizar a investigação, os métodos utilizados foram a entrevista, a observação e o questionário.

O *instrumento entrevista* foi escolhido para auxiliar na preparação e desenvolvimento das aulas, partindo do que os alunos sabiam ou entendiam sobre conflito, tema da proposta apresentada. Este procedimento auxilia na coleta de dados necessários e proporciona uma relação mais próxima entre o pesquisador e o entrevistado, ofertando melhor contato entre eles. Dessa forma, como destacam Marconi e Lakatos (2003), “há maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente; especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido”. (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 198). A entrevista foi realizada com os alunos selecionados, composta de quatro questões e dividida em dois blocos: o “Bloco A - identificação” e o “Bloco B - conhecimento sobre o tema”, conforme tabela apresentada a seguir:

Tabela 1 – Entrevista aplicada

Bloco A (Identificação)
1-Nome:
2-Idade:
3-Turma:
Bloco B (Conhecimento sobre o tema)
4-O que é conflito para você?
Fonte: Próprio autor.

A entrevista é uma técnica que torna possível obter resultados e que estabelece uma relação com o entrevistado, e garantindo a confidência de sua identidade. Marconi e Lakatos (2010, p. 178) acentuam entrevista como:

[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinados assuntos, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Este procedimento proporciona, além de uma relação mais próxima entre os envolvidos, ao entrevistador instigar o entrevistado conforme houver necessidade a responder mais. A entrevista tem um termo de consentimento⁷ lido e assinado pelos responsáveis dos alunos, através do qual os tornam cientes da investigação e garante-os do anonimato.

O segundo procedimento utilizado foi a observação, escolhida como forma de investigar, descrever e compreender os conflitos vividos e presenciados no ambiente escolar. Este método vem para complementar a investigação juntamente com a entrevista e o questionário que foram realizados com os alunos e professores. Segundo Borg, “as técnicas de observação em pesquisa são praticamente as únicas abordagens disponíveis para o estudo de comportamentos complexos”. (BORG, 1987, apud VIANNA, 2003, p. 09). Ludke e André (1986, p. 26) ressaltam ainda que, “a observação permite a coleta de dados em situações em que são impossíveis outras formas de comunicação”.

Este instrumento foi utilizado no cotidiano escolar, ou seja, eram observadas as atitudes dos alunos uns com os outros, relações dos professores e principalmente

⁷ Modelo do Termo de Consentimento encontra-se disponível no anexo do trabalho.

a forma como os professores titulares e responsáveis pelas turmas procedem e medeiam, após se depararem com situações de conflito, tanto em sala de aula quanto no pátio da escola onde trabalham.

Estas observações eram realizadas dentro e fora da sala de aula e, principalmente, durante o recreio, momento este em que as crianças mantinham contato com os outros alunos da escola. Logo após, foram descritas, por mim, em um caderno que tem o nome de *Diário da Orientadora Educacional*. Como destaca Vianna (2003, p. 12),

A observação é uma das mais importantes fontes de informação em pesquisa qualitativa em educação. Sem acurada observação, não há ciência. Anotações cuidadosas e detalhadas vão construir os dados brutos da observação, cuja qualidade vai depender, em grande parte, da maior ou menor habilidade do observado e também da sua capacidade de observar, sendo ambas as características desenvolvidas, predominantemente, por intermédio de intensa formação.

O *Diário da Orientadora Educacional* dispôs dos registros das observações realizadas e foram utilizados como apoio para a preparação da intervenção e durante o desenvolvimento das aulas, como também anteriormente foi utilizado para a avaliação da investigação. Estes registros foram lidos e destacados principalmente, quando apareciam as dificuldades encontradas pelos professores na realização das mediações dos conflitos.

Já o terceiro e último procedimento utilizado para a investigação foi o questionário, este ficou estruturado com dezessete questões de perguntas abertas. Marconi e Lakatos ressaltam que “as perguntas abertas são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões”. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 187). Estas questões foram divididas em três blocos: 1º *Identificação dos professores*; 2º *Quanto à escola*; e 3º *Quanto ao trabalho docente*.

O questionário foi disponibilizado para as professoras titulares e substitutas dos anos iniciais (1º ao 5º ano), do qual “devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 201). Ainda realizei o questionário conforme o interesse das mesmas, tendo retorno de cinco professoras. O questionário é padronizado e com questões investigativas com a temática voltada para o conflito escolar.

Tabela 2 – Questões do questionário

Bloco A (Identificação)
1- Sexo: () Masculino () Feminino
2- Idade:
3- Tempo de serviço:
4- Tempo de serviço nesta escola
5- Formação: Graduação Especialização
Bloco B (Quanto ao colégio)
6- A escola Lauro Ribeiro é um local interessante para as pessoas que nele trabalham?
7- Na tua opinião, a escola tem um ambiente amigável e uma boa recepção a visitantes e novos alunos?
8- As pessoas que trabalham na escola instigam os alunos a preocuparem-se uns com os outros?
9- Quais tipos de conflitos são mais frequentes entre os alunos nesta escola?
10- A escola tem um procedimento para ajudar os professores a lidar com os conflitos? Tens interesse?
Bloco C (Quanto ao trabalho docente)
11- Qual a solução mais adequada para resolver os conflitos na escola, entre os alunos e professores?
12- Os alunos ocupam algum tempo da aula para trabalhar sobre conflitos, violência ou agressão e/ou tentarem conjuntamente resolverem problemas?
13- Os alunos são encorajados a colocar os seus problemas durante suas aulas?
14- Enquanto professor (a), como é que tu te posicionas em relação aos conflitos na sala de aula?
15- Quais as estratégias utilizadas por ti e por teus colegas para incluir os alunos na sala de aula e na escola?
16- No teu ponto de vista, qual a melhor estratégia para mediar os conflitos no ambiente escolar?
17- Na tua escola, tem algum profissional responsável para mediar esses conflitos?

Fonte: Próprio autor.

Esta metodologia foi escolhida e utilizada com os professores selecionados, com a intenção de facilitar, uma comparação e reflexão com as outras técnicas metodológicas utilizadas, principalmente para que eu pudesse ver o que era entendido sobre conflito, pelos professores e pelos alunos. Esta técnica também garante o anonimato preservando a privacidade dos sujeitos e se adaptando ao tempo dos pesquisados, facilitando o preenchimento e colaboração para a pesquisa. Conforme Barbosa (2008, p. 01), questionário “é uma técnica de custo razoável,

apresenta as mesmas questões para todas as pessoas, garante o anonimato e pode conter questões para atender a finalidades específicas de uma pesquisa”.

O questionário é uma técnica que torna possível recolher resultados, e que mede a opinião do informante, trazendo assim informações possíveis para a pesquisa.

4.1.1 Avaliação da investigação

A avaliação de cada processo é necessária para que se possa obter um olhar crítico sobre suas escolhas e também sobre a prática da investigação. Esta avaliação da investigação também se divide em três momentos: o primeiro na avaliação dos questionários; avaliação do *Diário da Orientação Educacional* (observação); e a avaliação das entrevistas.

Os questionários foram lidos e analisados a partir do que foi respondido pelos professores e, posteriormente, foram realizadas as seleções semelhantes de respostas. As descrições foram recortadas para análise, sendo que, em sua íntegra, serão armazenadas em meu banco de dados de investigação.

O questionário foi disponibilizado para sete professores (titulares e suplentes), desde a educação infantil até ao 5º ano do ensino fundamental. Depois de um tempo combinado com os professores, obtive retorno de cinco questionários preenchidos.

Na primeira parte do questionário, ou seja, no bloco A “identificação” estes são professores do sexo feminino que estão com cinco a 35 anos de serviço. Quatro destas professoras estão nesta escola desde o início de seu trabalho e apenas uma professora está há quatro anos. Suas formações variam entre Licenciatura em Pedagogia, Letras e Ciências Domésticas, e três possuem pós-graduação “especialização - *latu sensu*”. Sobre as perguntas do bloco B “quanto à escola”, todas responderam que gostam de trabalhar neste espaço e disseram que esta apresenta um ambiente solidário e de boa recepção para visitantes e novos alunos. As pessoas que trabalham nela se preocupam com o bem estar dos alunos e instigam uns a preocuparem-se com os outros, principalmente por ser uma escola rural, segundo a opinião das professoras. Sua maioria (alunos e professores) utiliza transporte escolar. Conforme o questionamento sobre “quais conflitos são mais frequentes”, dois professores responderam que os principais são: falta de interesse pelos estudos; na organização de trabalhos em grupo, as crianças não trocam seus

pares; e as brincadeiras de apelidos. Os outros dois responderam que são muito poucos os conflitos, mas consideram normais para o comportamento de adolescentes. Em apenas um questionário foi respondido que não percebe conflito entre os alunos. Sobre a escola ter um procedimento para auxiliar os professores a lidar com estes conflitos, todos relatam que sim, e são utilizados pela direção escolar, ou seja, estas realizam as mediações através do diálogo.

No bloco C, denominado “quanto ao trabalho docente”, a maioria respondeu que o diálogo é a melhor solução, e outra destaca que orientações através de palestras são a forma mais adequada para resolver os conflitos. Com relação à utilização do espaço da aula para trabalhar sobre conflito, violência e/ou agressão, três ressaltam que sempre quando necessário utilizam sua aula, outros dois realizam planejamentos para discutir estas temáticas, sendo em aulas aleatórias e aulas de Ensino Religioso. Já sobre encorajar seus alunos a falarem sobre seus problemas, quatro dizem que sim, que os alunos são espontâneos, elas utilizam dinâmicas para encorajá-los para tal atitude, sempre que necessário quando o problema está interferindo no andamento da aula. E apenas um questionário foi respondido que não. Quanto ao posicionamento do professor diante do conflito, estes se posicionam como mediadores, dialogam, orientam e buscam soluções junto à escola e à família. No que diz respeito às estratégias utilizadas para incluir os alunos, alguns utilizam o incentivo a ajudar ao outro, a falar, a inclusão e assuntos relacionados à aprendizagem. Já outro professor respondeu que não se utiliza estratégias, porque a inclusão e a interação acontecem de forma espontânea.

E as estratégias apontadas pelos professores para mediar conflitos são: manter a calma e pensar nas consequências; compartilhar problemas com os pais; buscar o resgate destes alunos através da sua história familiar e do diálogo. Encerrando o questionário, foi questionado se há algum profissional específico para mediar estes conflitos: dois responderam que sim, a orientação educacional, um apenas respondeu que sim e os outros dois responderam que a direção é sempre responsável, mas que pode ter auxílio da supervisão e orientação educacional.

Analisando os questionários, foi possível perceber que neste espaço não há violência e agressão entre os alunos, conforme os relatos dos professores, mas que o conflito é percebido como sinônimo destas. Os professores realizam suas intervenções em aula, mas ressaltam que as mediações são realizadas pela direção e que este setor escolar seria o responsável pelas mesmas, juntamente com a

orientação educacional. Também destacam que o diálogo é a melhor decisão para a solução dos mesmos.

O segundo momento das avaliações foi referente às observações e às anotações realizadas no *Diário da orientação educacional*. Neste instrumento, foram destacadas as dificuldades apresentadas para a mediação dos conflitos vividos tanto pelos professores quanto pelos próprios alunos.

Nas observações nos arredores da escola foi possível perceber que os professores realizam breves mediações em sala de aula, mas diariamente são encaminhadas as “situações problema” para a direção escolar e SOE, como: aluno que não guarda o celular (o aparelho é retirado e o aluno é encaminhado para a direção e SOE); e alunos que se agredem fisicamente. Da mesma forma, outras situações em que são encaminhados diretamente para o SOE, como: alunos que não se comunicam em sala de aula (tímidos); alunos com baixo rendimento em sala de aula e alunos que se negam a apresentar trabalhos avaliativos.

Este procedimento, a observação, também foi utilizado como forma de observar especificamente os alunos do 2º e 3º ano em suas relações durante as aulas, onde estes convivem diariamente, e foi possível perceber que os alunos apresentam grande dificuldade em “perder”, sentindo-se frustrados e bravos quando realizam jogos com um único vencedor; Não aceitam quando um aluno se apresenta como destaque em sala de aula ou da escola, neste caso, principalmente, quando o destaque é da sua sala, ressaltam que a escolha é injusta e que sempre tem um “favorito”. E não aceitam repreensão quando desrespeitam as regras tanto de jogos na sala de aula como da escola.

E, no terceiro momento, fez-se a entrevista com os alunos, sendo que estas foram transcritas, analisadas e agrupadas por semelhanças de respostas sobre o entendimento de conflito, para então ser organizada a execução das aulas, tais informações se encontram armazenadas no banco de dados desta pesquisa.

Foram entrevistados quatro alunos do 2º ano, todos com sete anos. No questionamento sobre o que é conflito, dois alunos relataram que eram coisas boas como de brincar e comer, já outro aluno respondeu que era uma coisa muito ruim, comparando com fazer temas, arrumar o quarto e não fazer bagunça em aula. Já o quarto aluno responde que não sabe, nunca ouviu falar, que não tem nem ideia.

Na turma do 3º ano foram entrevistados dois alunos, ambos de oito anos. Os dois responderam que conflito é um problema. Um deles foi necessário desafiá-lo a

pensar mais, pois não sabia o que responder e, o outro, respondeu brevemente que era uma briga, uma pessoa brigando com a outra.

Em seguida, foi possível perceber que a maioria dos alunos não tem muito contato com essa palavra, tornando-se nova ao seu vocabulário e, quando interpretada, é algo voltado a problemas.

Após interpretação dos dados dos procedimentos metodológicos da investigação (entrevista, *Diário da orientadora educacional* e questionário) foi possível perceber a dificuldade de compreensão sobre o termo conflito e seus conceitos. Conforme essas incompreensões foi proposta a intervenção. Nessa então, foram construídas as aulas da qual abordaram: explanação do conceito de conflito, jogo, discussões, análises de conflitos, e formas de mediação.

4.2 Elaborando as propostas: Metodologia do projeto de intervenção

A intervenção foi preparada e organizada após a investigação e o estudo dos dados coletados. O método da intervenção foi projetado com o intuito de proporcionar diálogo com a teoria e, também, com os participantes, assim como ressalta Damiani et al.,(2013, p. 58):

Antes de defender a adequação do uso do termo intervenção na área da Educação, pensamos ser necessário definir o que entendemos por pesquisa do tipo intervenção pedagógica. Segundo nossa concepção, são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam e a posterior avaliação dos efeitos destas interferências.

O processo de intervenção teve a aula como foco e a sala de aula como palco. Foram propostas seis aulas nas turmas do 2º e 3º ano da já referida escola. Os encontros foram elaborados para o desenvolvimento em duas horas cada, totalizando doze horas/aula, estas que tiveram como propósito, além de contemplar o objetivo da pesquisa, também proporcionar melhor interação do pesquisador com os participantes nas discussões conceituais e nas análises das situações de conflito.

Tabela 3 – Aulas propostas

CALENDÁRIO E PROPOSTA DAS AULAS		
Aula	Datas	Tema
1ª	28/11	Passeio imaginário sobre um mundo de paz
2ª	30/11	Passeio imaginário sobre situações conflitivas
3ª	05/12	Conhecendo algumas concepções sobre conflito através do jogo.
4ª	07/12	Leitura de imagem sobre uma situação de conflito
5ª	09/12	Assistindo vídeos sobre conflito e emoções
6ª	13/12	“Capturando “novas” representações das crianças”.

Fonte: Próprio autor.

1ª Aula interventiva: Passeio imaginário sobre pensamentos de paz

Objetivo: Expressar seu pensamento acerca de um mundo de paz.

Esta primeira atividade iniciou com a apresentação da proposta e explanando aos alunos como seria realizada a primeira aula. No primeiro momento os alunos foram convidados a deitar em colchonetes (já separados na sala de aula) e deveriam fechar os olhos. Foram desafiados a imaginar um mundo de paz. Durante este momento tocou uma música de fundo, para que se concentrassem, incentivando a imaginação. No segundo momento, os alunos retornariam às suas classes e teriam que desenhar e colorir o que imaginaram no seu “passeio”. Logo após, foi proposta uma rodinha, para que fossem apresentados os desenhos e cada um contando o que imaginou. Durante este momento foram expressos os pensamentos e interpretações sobre o lugar de paz desejado pelos alunos, interagindo uns com os outros e sendo realizado um levantamento, caso houvesse momentos semelhantes entre os relatos.

2ª Aula interventiva: Passeio imaginário sobre situações conflitivas

Objetivo: Expressar seu pensamento acerca de um mundo conflitivo.

Esta segunda atividade é semelhante à primeira, mas o passeio imaginário foi com outro tema, ou seja, os alunos deitados nos colchonetes de olhos fechados foram incentivados a imaginar um mundo onde as pessoas expressam seus pensamentos e suas ideias. Durante este momento também tocou uma música de fundo, para que pudessem relaxar e se concentrar. Após, os alunos iriam realizar o desenho e colorir sobre o que imaginaram. Na rodinha, apresentaram seus desenhos e contaram o que imaginaram. Além de serem compartilhados os pensamentos, foram realizadas as discussões e também apontadas as semelhanças, finalizando com a análise do passeio imaginário, e o que estes dois momentos puderam proporcionar aos alunos.

Essa análise se deu através de uma conversa explanando o que esses dois passeios apresentaram realizando assim um levantamento das semelhanças e das diferenças percebidas entre esses momentos, também incentivando-os a expressarem o que sentiram durante cada situação.

3ª Aula interventiva: Conhecendo algumas concepções sobre conflito através do jogo

Objetivo: Expressar o espírito competitivo e conhecer as concepções de conflito.

Nesta aula foi apresentada a trilha (jogo de trilhas) e as regras do jogo, sendo que cada aluno teria uma peça para o jogo. Com esta brincadeira foi possível interagir com os alunos, apresentando situações das quais poderiam mediar e aprender sobre as concepções de conflito. E uma das regras era ter um vencedor. Assim foi trabalhado o espírito de competição dos alunos e também as possíveis frustrações que ocorrem durante o jogo, ou seja, de nem todos vencerem. A sequência de questões foi:

- O que é viver em paz para ti?
- Meu colega pensa diferente de mim, como devo reagir?
- Duas crianças estão tristes, porque perderam o jogo, o que devemos fazer?
- Para algumas pessoas o conflito é visto como violência. O que você acha?

- O que devemos saber é que o conflito acontece todos os dias. Como e onde?
- Um aluno brigou com o colega, o que devemos fazer?
- Mediação é a palavra usada para amenizar os conflitos. Explique o que você entendeu.
- Mediação é auxiliar para que as pessoas se respeitem.
- Na mediação é preciso ouvir. Você sabe ouvir e respeitar regras?
- Quando fico bravo com alguém, o que devo fazer?

Estes dez questionamentos e apontamentos estavam em cartões avulsos. Conforme o andamento do jogo nas “casas”, que teriam o símbolo “?” desenhado, seria sorteado um cartão, que foi lido e comentado pelos alunos. Nesses momentos do jogo, poderia haver uma conversa sobre os questionamentos, para que juntos pudessem atingir o objetivo desse jogo.

4ª Aula interventiva: Leitura de imagem sobre uma situação de conflito.

Objetivo: Observar e analisar a imagem sobre uma concepção de conflito.

A proposta desta aula foi apresentada aos alunos, ressaltando as regras e o desenvolvimento a seguir. Os alunos receberam a imagem⁸ impressa e uma folha em branco. Os alunos tiveram um tempo para observar e analisar a imagem, para após escreverem o que pensaram sobre ela. Depois de analisada construíram um texto coletivo: inicialmente cada aluno ia dizer o que observou na imagem (a professora transcrevia o que o cada aluno disse em uma folha rascunho). Após as explicações, os alunos do 3º ano seriam responsáveis por transcrever o texto, já que estes se encontravam-se alfabetizados.

⁸ A imagem foi retirada do google imagens e editada por mim. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=era+minha+oferenda+era+comida+no+chao&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiEst_U1N3PAhUJGpAKHZRNAYEQ_AUICCGB&biw=1366&bih=662#imgrc=RsAWIQvh_-CIVM%3A>. Acesso em 29 de setembro de 2016.

Figura 1 – Imagem utilizada para a leitura



Fonte: Google imagens e edição próprio autor.

5ª Aula interventiva: Assistindo vídeos sobre conflito e emoções

Objetivo: Assistir e discutir as mensagens que os vídeos transmitem como forma de perceber diferentes situações conflituosas.

Esta quinta aula iniciou com a apresentação do vídeo “conflito e diversidade⁹”. Após ser apresentado, foi realizada uma roda de conversa para que os alunos pudessem falar sobre o vídeo, o que entenderam, aprenderam, gostaram e a mensagem que este vídeo quis trazer para cada um deles. Nesse momento, foram anotadas todas as manifestações dos alunos e pedido que cada aluno tentasse relacionar o vídeo com alguma situação do seu dia-a-dia. Após essa discussão, foi apresentado outro vídeo “transformando as emoções¹⁰”.

Nesse segundo momento, também foi realizada uma roda de conversa para que os alunos pudessem dialogar e expressar o que sentiram e entenderam. Também foi realizado o registro de cada fala dos alunos, por mim, como pesquisadora. Ao final foi construído um cartaz coletivo com algumas frases sobre como lidar com os conflitos pessoais, a partir do que os alunos falaram. Este cartaz foi exposto na sala de aula, para melhor visualização do grupo e também como

⁹ Vídeo - Fragmento do livro 3 - Liga pela Paz, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZOfzD7atOo8>>. Acesso em 29/09/2016

¹⁰ Vídeo - Fragmento do livro 1- Liga pela paz disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K_qtWPPigLI>. Acesso em 29/09/2016

registro da atividade. Durante as falas e a construção do cartaz, foi observada a relação dos alunos com os temas discutidos.

6ª Aula interventiva: “Capturando “novas” representações das crianças”.

Objetivo: Construir um curta-metragem com o relato das interpretações sobre conflito através do olhar dos alunos.

Esta sexta aula interventiva, foi a construção de um vídeo com os depoimentos dos alunos, sobre o que eles aprenderam e entendem sobre conflito e mediação, apresentando também trabalhos realizados durante as aulas interventivas anteriores, momento em que cada aluno fez seu relato. Após a filmagem dos relatos, foi editado um curta-metragem, como forma de avaliação. Em momento posterior desta pesquisa será divulgada aos alunos e professores.

4.3 Construindo a avaliação da intervenção

No processo de intervenção se faz necessário que se realize uma avaliação. Esta serviu como forma de capturar os efeitos que a proposta desenvolveu, assim como é sugerido por Damiani et al. (2013, p. 60):

Assim, para que o relatório de uma pesquisa do tipo intervenção pedagógica faça jus ao trabalho realizado, entendemos que deve contemplar seus dois componentes metodológicos. Relembrando: o método da intervenção e o método da avaliação da intervenção. O componente interventivo, isto é, a intervenção propriamente dita, deve ter seu lugar assegurado no relatório, devendo ser apresentado com detalhes.

A avaliação da intervenção tem como propósito avaliar se a intervenção obteve seus objetivos alcançados e quais os efeitos produzidos pelo processo interventivo aos participantes. Penso que se fez necessária esta avaliação, para que fosse possível analisar todo o processo e perceber se obtivemos alguns resultados, sejam eles esperados ou não. As aulas foram gravadas, para que todos os momentos ficassem registrados e para que fosse possível realizar uma autoavaliação como pesquisadora sobre a proposta, após as transcrições destas.

Em cada aula foi possível avaliar de forma contínua, já que em todos os encontros foram realizados diálogos e discussões sobre o assunto, e estes analisados e discutidos. De acordo com Marconi e Lakatos (2003) as discussões apresentaram o que os alunos perceberam sobre o assunto, ou seja, estas avaliações foram realizadas através da observação não estruturada, procedimento que auxiliou no levantamento de dados e nas transcrições, para que não se perdesse nenhum detalhe para a pesquisa que pudesse ser relevante. Esta coleta de dados auxiliou na dissertação, sendo possível afirmar, conforme Ludke e André (1986), que existiram diversas formas de registrar as observações sendo elas: através de anotações e transcrições dos materiais gravados. Estas foram anotadas no *Diário da Orientadora Educacional* diariamente, e as gravações foram transcritas após os encontros, para que fosse possível realizar a análise do que foi construído e discutido em cada aula, também como forma de avaliar a minha intervenção.

E como forma de enriquecer tanto a avaliação quanto a pesquisa em geral, foi possível realizar uma comparação do curta-metragem, produzido no final da intervenção pelos alunos, com suas respostas da entrevista que foram realizadas durante a investigação. Esta comparação foi como forma de perceber o que os alunos compreenderam sobre as concepções de conflito e também a necessidade de mediá-los. Não surgindo a necessidade de novos procedimentos, foram realizados apenas os previstos no projeto de intervenção. No próximo capítulo são apresentadas as tramas de cada aula e as construções feitas pelos alunos sobre as concepções de conflito e a possibilidade de sua mediação.

5 TRAMANDO AS CENAS DA SALA DE AULA

[...] Por isso que Tecelina não lembrava o que era presente. Ou melhor, fazia questão de tecer o presente com o passado e assim o presente parecia outros dias. (SOUZA, 2007, p. 25).

As pesquisas intervencionistas propõem que os pesquisadores desenvolvam suas propostas como atuantes e/ou espectadores, no caso dos ambientes escolares, oportunizando, para além dos docentes, também aos alunos a fazerem parte da composição da investigação.

No espaço da sala de aula e escola ocorrem diariamente interações entre professores e alunos, tanto na realização das atividades pedagógicas, como nas relações pessoais, as quais proporcionam novos aprendizados para ambas as partes: nesta relação é que se tornou possível realizar este estudo. A intervenção realizada com os alunos com a intenção de provocar a análise e a mediação dos conflitos existentes em sala e na escola como um todo, foi desenvolvida durante sete aulas, sendo possível perceber o movimento de construção pelos alunos sobre as diferentes concepções acerca do tema conflito.

Ao partir para a escrita da análise, inicialmente quis fazê-la aula por aula, mas no decorrer do texto fui emaranhando-me de tal modo que se tornou inviável descrevê-las separadamente; assim, as análises foram se interligando e dando-se de forma contínua, pois o movimento entre as dinâmicas e as concepções de conflito juntamente com a mediação, a partir dos sujeitos alunos, aparecem de maneira unificada, ou seja, uma puxando a outra. Durante a escrita, o texto foi sendo composto por uma mescla de cenas da sala de aula, com as observações registradas no *Diário da orientadora educacional*, realizadas dentro e fora da sala de aula juntamente com a entrevista, tudo isso tecido e entremeado com argumentações teóricas. Fiz esta opção analítica, pois, em meu entendimento, separar a análise seja pelos instrumentos da intervenção seja por categorias que emergem nas diferentes situações da investigação significaria “fissurar” os sujeitos, isto é, fragmentar suas concepções em virtude das estratégias da intervenção, o que parece-me incoerente com os objetivos deste trabalho.

Ao iniciar a intervenção foram realizadas capturas de representações dos alunos, através da entrevista, observações e as duas primeiras aulas, nas quais eles

falaram e desenharam sobre o tema. Assim, ao iniciar as intervenções, procurei explicar aos alunos as diferentes concepções de conflitos, o qual é visto como um resultado de atitudes violentas ou, como está posto no dicionário, constrangimento físico ou moral e ação violenta. Conflito como violência é uma das características mais ouvidas nos meios de comunicação (televisão, rádio e redes sociais). E outra concepção de conflito é a diferença de pensamento. Nesta segunda, é visto como um sentimento que presenciamos diariamente, quando discordamos de nossos pares, ou nos sentimos desapontados, quando queremos alguma coisa e este é impedido, nos sentindo em conflito com nós mesmos.

Partindo desta breve introdução, foram realizadas então, ações de captura das representações dos alunos sobre conflito. Estas ações se deram através das duas primeiras aulas, as quais possibilitavam aos alunos expressarem seus sentimentos e interpretações acerca do tema.

Nestas duas primeiras aulas realizei os passeios imaginários, a estrutura deles eram semelhantes (imaginar ao som de uma música de fundo, com os olhos fechados, e após desenhar), porém o que as diferenciavam uma da outra era a proposta em si do passeio, ou seja, uma era a um mundo de paz, em que a turma deveria imaginar lugares que eles identificassem como pacíficos, e a outra em um mundo em situações de conflitos. As escolhas destas atividades foram organizadas a partir da entrevista realizada com os alunos durante o diagnóstico, na qual a maioria destes relataram que não conheciam ou não sabiam o que era conflito. Ao propor que realizassem estas atividades, os alunos deveriam representar suas breves interpretações sobre as propostas através de desenhos. Inicialmente surgiram dos alunos, algumas dúvidas que emanavam da compreensão do significado da palavra, e foi necessário respondê-las para após dar início ao trabalho, conforme descrevo no quadro abaixo:

Roberta¹¹: *Como assim situações de conflito?*

Joel: *Ué, um lugar que tem brigas.*

Professora: *Vocês acham que conflito é brigas?*

Joel: *Claro né, professora!*

Professora: *Bom, então nós podemos pensar o conflito de duas formas, uma que é brigas como colocou o Joel. Mas também pensar que o conflito não precisa chegar na briga, o conflito pode ser só a diferença de pensamento. Mas como assim diferença de pensamento? Por exemplo: eu gosto de música bem alta e o Joel gosta de ouvir música baixa. Nós temos que brigar por causa disso?*

¹¹ Usarei nomes fictícios como forma de preservar a identidade dos alunos.

Turma: *Nãooo.*

Professora: *Então, eu e o Joel podemos gostar de coisas diferentes, mas para não brigar nós devemos nos respeitar! E isso também é conflito, a diferença de pensamentos. Eu posso pensar diferente do meu colega, e quando isso me incomoda estou em conflito, mas o que devo fazer?*

Eliza: *Respeitar, conversar né professora?*

Após esclarecimentos, deitados em colchonetes com os olhos fechados e ao som de uma música para sua concentração, iniciamos as atividades. Foi necessário ressaltar que os passeios deveriam ser realizados em silêncio, deixando claro que não poderiam falar em voz alta o que estavam fazendo, para não interferir na construção dos colegas. Durante as atividades fui fazendo perguntas como forma de incentivá-los na construção dos passeios imaginários. Cada frase foi mencionada com intervalo de um minuto, possibilitando que os alunos continuassem seu passeio, buscando responder às perguntas na sua imaginação, sem verbalizar para todos. Para o primeiro passeio, os questionamentos feitos foram:

- O que é um mundo de paz?
- Quem vive nesse lugar?
- Como as pessoas se relacionam?
- O que tem nesse lugar?

Para o segundo passeio, os questionamentos feitos foram:

- Como se relacionam essas pessoas?
- Que cores tem as situações de conflito?
- Essas situações de conflito são um lugar que eu gosto de estar, sim ou não?
- Como as pessoas resolvem essa situação de conflito?
- Quando duas pessoas não se gostam como elas devem se relacionar?

Após a realização dos passeios, convidei os alunos a retornar às suas mesas, onde já havia folhas brancas A4 para ilustrarem seu passeio. Durante os relatos dos desenhos, pude observar que os alunos associam um mundo de paz com o bem estar, prevalecendo à proximidade dos familiares e entes queridos, como expressado nas figuras 2 e 3 abaixo:

Figura 2 – Desenho ilustrando a presença de amigos e familiares no passeio imaginário



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Figura 3 – Desenho ilustrando presença de familiares no passeio imaginário



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Além dos desenhos expostos, as falas dos alunos, ao apresentarem seu desenho oralmente, ressaltaram a importância de seus familiares e amigos para sua tranquilidade, segurança e felicidade, reiterando a minha percepção sobre a importância dos familiares em suas vidas, assim como aparecem nos relatos abaixo:

Rafael: *Meu passeio imaginário foi assim, em uma casa com meu pai, mãe, irmã e eu num dia feliz.*

Roberta: *O passeio foi de avião, indo para o apartamento com meus pais...*
Joel: *Eu e meu avô descemos do helicóptero de paraquedas...*
Maria: *Era uma menina e sua amiga, estavam brincando na casa dela...*

Percebe-se a importância que a família representa para estes alunos, e a valorização que esta ganha na vida deles. Estes fatos podem decorrer da participação dos pais no cotidiano de seus filhos: “Os hábitos de conversar, passear e realizar as refeições em família são comportamentos que têm se mostrado como fator protetor para os adolescentes [...]” (MALTA et al., 2011, p. 175) e, eu diria também, crianças.

Em contrapartida, no passeio sobre um mundo de conflito, alguns desenhos também apresentam a família como uma referência, sustentando o que foi percebido por mim e exposto pelos autores citados acima, de que a família representa proteção e é de imensa importância para estes alunos, pois embora a atividade disponha de uma discussão oposta da anterior (sobre um mundo de paz) os sujeitos envolvidos expõem que esta está presente em todos os momentos, sejam eles para festejos ou desacordos, o que se manifesta na figura 4.

Figura 4 – Representação da família



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Além da imagem a aluna expressa que mesmo em relações de respeito e amor existem diferenças. Isso vem ao encontro do que argumenta Vasconcelos (2008, p. 19): “Por mais afinidade e afeto que exista em determinada relação

interpessoal, algum dissenso, algum conflito, estará presente”. Essa ideia também aparece na fala da aluna Roberta:

Roberta: *Estava na casa da avó, mãe, pai, eu e meu irmão. O pai ficou cuidando do Dudu e da Roberta, porque a mãe teve que sair. Ai eles ficaram comendo uva e vergamota. Porque cada um gosta de uma fruta.*

No relato de Roberta, ela procura destacar que cada um gosta de uma fruta em sua família, estabelecendo uma relação desse fato com a diferença de pensamento e a importância de respeitar as diferenças e gostos. Embora outros alunos também tenham representado seus entes queridos nos desenhos, compreendem e explicitaram conflito como relações de disputas. E ao serem questionados, por mim, sobre qual a semelhança ou diferença entre os dois passeios, como forma de realizar uma breve avaliação destas, as respostas foram:

Eliza: *Que existe conflito ruim e bom, que devemos conversar e não brigar. [...].*
 Roberta: *Que a paz é silêncio, coisas boas e os conflitos são diferenças. [...].*
 Joel: *Que devemos nos respeitar por pensar diferente, mas tem que respeitar. [...].*

E diante destes relatos acima e as observações registradas no *Diário da Orientadora Educacional*, percebo que o aluno Joel fez uma reflexão diferente do que se percebe em suas ações, conforme descrevo abaixo:

Durante o jogo de futebol, no pátio da escola, o aluno Joel discute e grita no rosto do colega, dizendo que ele está errado. O menino diz ser o próximo a ser goleiro, mas o aluno Joel grita dizendo que não, que ele não sabe. O aluno completa, dizendo: “A regra do jogo para ser goleiro: tem que fazer gol para trocar”. [...]. (DIÁRIO DA ORIENTADORA EDUCACIONAL, 2016, fl. 07).

Situações como estas mostram que os alunos estão se apropriando das concepções de conflito apresentadas, embora ainda não incorporem em suas ações. Os relatos e interpretações dos alunos, sobre os conflitos e as concepções destes, vêm ao encontro da leitura de imagem¹² referente à figura 5, realizada na quinta aula: a turma observou que as duas mulheres estavam brigando.

¹² A imagem foi retirada do google imagens e editada por mim. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=era+minha+oferenda+era+comida+no+chao&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiEst_U1N3PAhUJGpAKHZRNAYEQ_AUICCgB&biw=1366&bih=662#imgrc=RsAWIQvh_-CIVM%3A>. Acesso em 29 de setembro de 2016.

Figura 5 - Imagem utilizada para a leitura



Fonte: Google imagens e edição próprio autor.

Esta atividade teve como proposta apresentar aos alunos a imagem¹³ para que estes realizassem a observação desta, com o propósito de, no momento seguinte, os alunos apresentarem para seus colegas as suas compreensões sobre a mesma. Considero que a leitura de imagem é tão significativa e possui uma influencia pedagógica, permitindo entendê-la e relacioná-la com outros contextos. (SANTOS, 2006). Em outras palavras, também promovendo discussões acerca da temática conflito, conforme Santos (2006, p.16), quando discute as interpretações de uma imagem:

Quando se interpreta uma imagem, além de perceber e analisar os elementos visuais como linhas, cores, formas, entre outros, é importante explorar idéias, valores, cultura, abordados na imagem, pois, é nesse momento que há um entendimento da obra; uma interpretação. Porém, é importante ao interpretar uma imagem, levar em conta, especialmente, a conduta do leitor, que observa e faz sua interpretação individual. É o leitor que irá fazer relação da obra com seu conhecimento a partir de suas vivências.

Partindo destes pressupostos de que a interpretação/leitura de cada aluno é relacionada à suas vivências, no momento das apresentações dos alunos, conforme

¹³ Sobre o conceito de imagem podemos dizer que ela indica algo que nem sempre é visível. A imagem é a interpretação do sentido, carregada de invenção e imaginação. Dessa forma, envolve o processo criativo. (SANTOS, 2006, p.18).

falas apresentadas abaixo, percebi tais vivências e, principalmente, a associação destas com a temática discutida das concepções de conflito.

Roberta: *Eu percebi que o conflito é muito ruim, que sempre faz as pessoas ficarem triste, do contra e brigando. O que está rindo é por que ele era mau e gostava de ver as pessoas sofrer. E o outro é porque ele não é bêbado igual ao outro e não é bobo. E ele está tomando suco de laranja e não cachaça que nem o outro. As meninas estão brigando por que... (pensou), essa aqui (apontou para a mulher azul) começou a briga, porque esta (mulher negra) deixou cair às coisas no chão. [...].*

José: *Elas estão entrando em conflito e brigando, porque uma passou com a comida e a que está varrendo esbarrou nela e deixou cair à comida. É conflito porque elas estão batendo um papo, conversando.*

Nos dois relatos explicitados acima, é possível perceber a compreensão de conflito que os alunos estão construindo. Por exemplo, partindo da fala do aluno José, “*Elas estão entrando em conflito e brigando*”, é possível realizar uma comparação com o que ele expressa na entrevista, na qual este mesmo aluno havia respondido que conflito era “uma brincadeira, uma pergunta, ouvir passarinhos” (JOSÉ, ENTREVISTA, 2016). Durante a entrevista, este não conhecia o significado da palavra conflito, e isso ocorre também com a aluna Rafaela, que achava que seria “uma coisa ruim como fazer os temas, arrumar o quarto e não fazer bagunça na sala de aula”. (RAFAELA, ENTREVISTA, 2016).

No segundo momento, após a leitura de imagem e o debate decorrente dela, foi construído um texto coletivo sobre a situação lida na imagem. Nesse momento, algumas alterações dessa proposta de atividade, descrita no projeto de intervenção, foram realizadas: ao invés de os alunos do terceiro ano escreverem e construir o cartaz com o texto, fui eu quem transcreveu o que os alunos iam falando e, após, digitei. No momento seguinte, juntos, eu e os alunos, montamos o cartaz (figura 6). Realizei esta alteração na atividade, porque os alunos negaram-se a escrever, alegando que suas letras eram feias e que o cartaz tinha que estar “bonito”.

Figura 6 – Texto coletivo

O CONFLITO DE UMA RELIGIÃO E OUTRA

Era uma vez duas mulheres brigando, discutindo e fazendo conflito. Uma delas estava fazendo uma oferenda e a outra estava limpando o chão. De repente a que estava limpando o chão varreu a oferenda.

E a que estava fazendo disse: - Era minha oferenda!

A que estava limpando respondeu: - É desperdício.

“Mas na verdade a Manoela (mulher negra) vinha com uma bandeja na mão e a que estava limpando que é a quatro braços esbarrou na Manoela, fazendo cair tudo”.

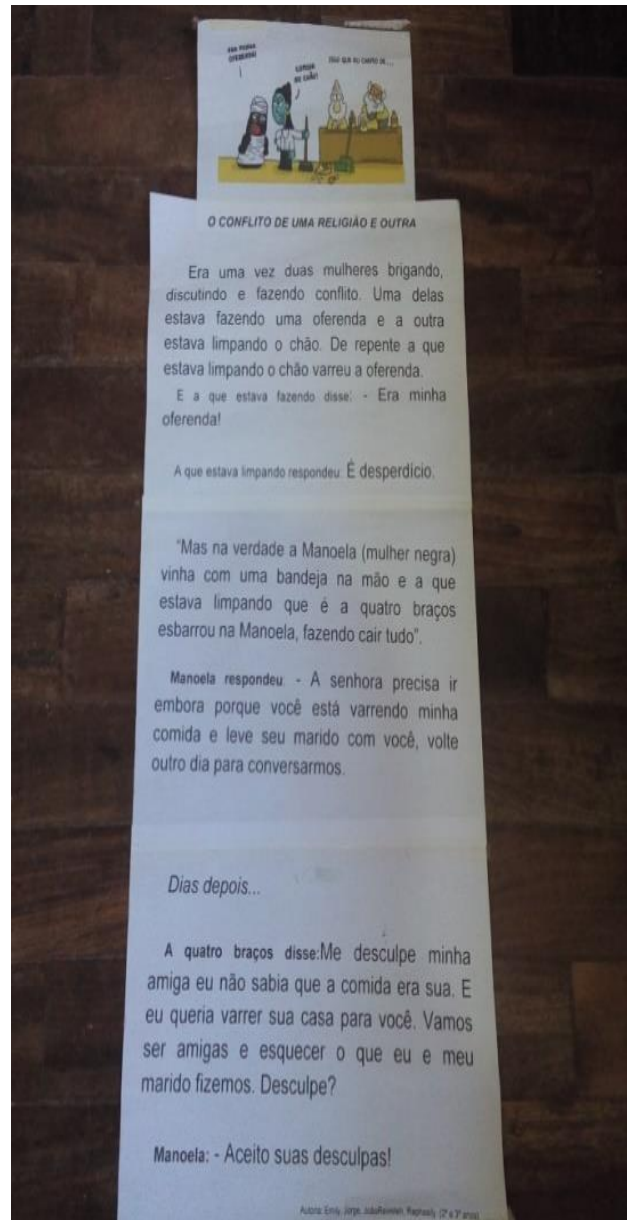
Manoela respondeu: - A senhora precisa ir embora porque você está varrendo minha comida e leve seu marido com você, volte outro dia para conversarmos.

Dias depois...

A quatro braços disse: - Me desculpe minha amiga eu não sabia que a comida era sua. E eu queria varrer sua casa para você. Vamos ser amigas e esquecer o que eu e meu marido fizemos. Desculpe?

Manoela: - Aceito suas desculpas!

Autoria: Emily, Jorge, João, Reweleh, Raphaelly. (2º e 3º anos)



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

O texto foi construído com a contribuição de cada aluno, tendo por base as discussões relatadas no momento da leitura de imagem. A partir das relações e situações de conflitos que foram apresentadas pelos alunos nos passeios imaginários e as compreensões capturadas durante a análise da imagem, percebi que, de uma atividade para a outra, os alunos já haviam compreendido algumas concepções de conflito. Esta percepção ficou evidente também na elaboração do texto, pois foi possível visualizar desde o início deste, através de suas frases,

quando as crianças elaboram a seguinte oração: “Era uma vez duas mulheres brigando, discutindo e *fazendo conflito*¹⁴”. Logo abaixo desta frase, complementaram com: “É a que estava fazendo disse: - Era minha *oferenda*! A que estava limpando respondeu: - *É desperdício*.” Estas falas mostram a compreensão que os alunos tiveram do conflito, associando-o com a diferença de pensamento, manifestada pelos termos, contrapostos no diálogo, “*oferenda*¹⁵” e “*desperdício*¹⁶”. Em seguida também afirmam a compreensão de que é preciso haver diálogo para a mediação de situações conflitivas, pois, no parágrafo 5, indicaram: “[...] *volte outro dia para conversarmos*”. Assim com estas falas e construções, reitero o que ocorreu um movimento construtivo na compreensão dos alunos sobre conflito.

E estas percepções afirmaram-se ainda mais durante a realização da sexta aula, a qual foi planejada a partir de vídeos, um sobre conflito e diversidade¹⁷ e o outro sobre as transformações das emoções¹⁸. Além deste aspecto de construção da compreensão sobre a noção de conflito, no desenvolvimento das atividades, também foi possível observar atitudes que condizem com esta apropriação, conforme registrei em meu *Diário da Orientadora Educacional*:

A aluna Maria chama a atenção do colega Joel, para que ele não ofenda e nem coloque apelido nos outros colegas, pois é uma atitude feia e desta forma ninguém vai querer brincar com ele, questionando se ele não se lembra da aula em que a professora falou que cada um pode escolher com o que mais gosta de brincar, tem que respeitar. (DIÁRIO DA ORIENTADORA EDUCACIONAL, 2016, fl. 08).

A aluna realizou uma tentativa de mediação, mostrando ao aluno que ele estava em conflito, lembrando-o das discussões em nossas aulas. Ao presenciar esta mediação da aluna, é possível ressaltar o que Chrispino (2007, p. 22) destaca sobre a percepção do conflito que a escola apresenta:

No momento em que realçamos o conflito na escola, gostaríamos de chamar à atenção a capacidade da escola em perceber a existência do conflito e a sua capacidade de reagir positivamente a ele, transformando-o em ferramenta do que chamamos de tecnologia social, uma vez que o aprendizado de convivência e gestão do conflito são para sempre.

¹⁴ Grifo meu.

¹⁵ Grifo meu.

¹⁶ Grifo meu

¹⁷ Conflito e diversidade. Vídeo - Fragmento do livro 3 - Liga pela Paz, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZOfzD7atOo8>>. Acesso em 29/09/2016

¹⁸ Transformando as emoções. Vídeo - Fragmento do livro 1- Liga pela paz disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K_qtWPPigLI>. Acesso em 29/09/2016

E ao final do vídeo “Conflito e diversidade”, que abordava as diferenças de estilos musicais, as crianças relataram que se tratava de dois grupos, um de cantores de rock e outro de samba, os quais brigaram porque cada um presava pelo seu estilo de música, destacando que a sua era melhor que a do outro grupo e vice-versa. Ao final, após a realização de uma mediação entre as bandas (através de um grupo de mediadores), os grupos repensaram suas atitudes e cantaram juntos, percebendo que é preciso respeitar as diferenças, assim como se pode perceber no relato acima da aluna, no momento de sua mediação com o colega. Também nas expressões dos alunos sobre a briga das bandas e a realização da mediação entre elas, vai ao encontro do que Hammes (2009, p. 90) apresenta sobre a resolução de conflito através consenso:

Pelo consenso as pessoas ou grupos em conflito tentam chegar a uma solução mutuamente aceitável. Pode acontecer nos pequenos impasses da vida diária ou em questões maiores, envolvendo conflitos entre nações ou de grupos divergentes dentro de um mesmo país. Para haver a possibilidade de chegar a um consenso, é preciso que ambas as partes desejem realmente encontrar uma solução e não derrotar ou subjugar a outra parte. [...].

As situações conflitivas que ocorreram no vídeo, em que cada banda priorizava seu gosto musical sem ao menos ouvir o outro pode-se dizer que é uma caracterização do conflito, o que vem ao encontro da concepção de Vasconcelos (2008, p. 20):

O que geralmente ocorre no conflito processado com enfoque adversarial é a hipertrofia do argumento unilateral, quase não importando o que o outro fala ou escreve. Por isso mesmo, enquanto um se expressa, o outro já prepara uma nova argumentação. Ao identificarem que não estão sendo entendidas, escutadas, lidas, as partes se exaltam e dramatizam, polarizando ainda mais as posições.

E esta reflexão, de que os pares envolvidos em discussões ou descontentamentos prezam pelo seu pensamento, também vai ao encontro do que o segundo vídeo apresenta, e do que os alunos manifestaram na discussão sobre o mesmo, pois, quando as diferenças são notáveis ou expostas e não há uma identificação pelos alunos de que as partes envolvidas serão ouvidas, estes encaram esta situação como complicada. Isso ocorre no vídeo que tratava da história de um gatinho que queria brincar com os amigos, mas a sua brincadeira é a

que deveria prevalecer. Quando isso não acontecia ele ficava furioso, pois queria que a sua brincadeira fosse escolhida. Ao perguntar para os alunos o que o vídeo tem em comum com o dia a dia deles, se alguém já presenciou uma situação como essa do gatinho, ou em alguma das atividades realizadas anteriormente, dois alunos estabeleceram uma relação entre a problemática do vídeo e as atitudes de um dos seus colegas, ou seja, com o mesmo aluno que briga e discute diariamente com os seus pares, tanto no pátio quanto na sala de aula, conforme se nota nas falas abaixo:

José: *Como acontece com o Joel e o Bruno.*
 Rafael: *O Joel começa a dar soco nele, aí o Bruno agarra ele.*

Ao questioná-los sobre o que era feito, quando situações como essas ocorriam, os alunos relataram que os professores separavam e conversavam com os envolvidos e, em alguns momentos, ficavam de “castigo”¹⁹. Nas observações realizadas, quando os alunos brigavam no pátio da escola, os professores que cuidavam o recreio realizavam a intervenção conversando com os alunos e, em outros momentos, encaminhavam para a orientação educacional, no caso a mim, que dialogava com os alunos para entender o motivo das discussões e agressões, possibilitando também o momento para que os envolvidos se expressassem e refletissem sobre seus atos. Nessa mesma direção, Morgado e Oliveira (2009, p. 48) argumentam que:

A mediação, enquanto meio construtivo de resolução de conflitos oferece, pelo que proporciona aos envolvidos no conflito, um espaço ideal para desenvolver, quer naqueles que desempenham o papel de mediadores, quer naqueles que como mediados trabalham em conjunto para a resolução do seu problema, a capacidade de respeito mútuo, comunicação assertiva e eficaz, compreensão da visão do outro e aceitação da diferente percepção da realidade. Tratando-se de um meio de resolução de conflitos, não litigioso e baseado no consenso, é propício ao desenvolvimento de soluções criativas, preservando a relação entre as partes em conflito.

¹⁹ Castigo, alternativa não violenta à punição, que remove a criança da situação em que está se comportando de maneira inaceitável. O castigo é uma medida efetiva de orientação quando a criança realmente perde o controle e precisa ser removida para se acalmar. Contudo, usado como uma ferramenta punitiva por adultos controladores, tem seus efeitos colaterais (como qualquer forma de punição) incluindo redução de autoestima. (MENA, 2015, p. 111).

Essa resolução através de uma terceira pessoa na condição de ouvir e entender auxilia também, na preservação da relação entre os pares. Juntamente com os autores acima, Hammes (2009, p. 91) enfatiza que:

Tanto no consenso, quanto na negociação e na mediação, a capacidade de escutar e entender a maneira como os outros pensam, sentem e veem a situação é muito importante; assim, também a capacidade de se expressar de maneira clara e não ofensiva aos demais, a capacidade de encarar o problema sem massacrar as pessoas, a criatividade e a flexibilidade na elaboração de soluções possíveis são qualidades a serem permanentemente desenvolvidas para resolver conflitos de modos não-violentos. Dessa forma, o conflito pode ser “terra fértil” para aprofundar a compreensão das diferenças, para ampliar a visão das questões e dos problemas, para atuar criativamente e com flexibilidade na busca de soluções.

Quanto às atitudes do gatinho no vídeo, os alunos ressaltaram que nem sempre podemos escolher a brincadeira, o certo é cada dia um escolher, para todos ficarem contentes. Novamente um dos alunos relaciona o gatinho com o seu colega.

José: *O gatinho é como o Joel tem que ser sempre como ele quer.*

Joel: *Mas eu também brinco do que os outros querem, mas gosto mais é de jogar futebol.*

O aluno Joel, se defende e alega que “nem sempre” é do jeito dele. Mas o que se pode perceber durante toda a intervenção e as observações, é que este aluno se sente muito chateado quando não vence a brincadeira ou não é a que ele escolhe.

Conforme percebido nas aulas anteriores, a turma conseguiu relacionar as aulas/atividades com situações do seu dia a dia, realizando breves mediações das atitudes apresentadas entre eles e sobre eles enquanto colegas. Assim como também realizaram propostas de mediações para a atividade desenvolvida na terceira aula²⁰, que foi a contação da história “*Quando um não quer dois não brigam*”²¹, conforme a figura 7. Essas atitudes de mediação conforme Chrispino (2007, p. 23) “pode induzir a uma reorientação das relações sociais, a novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade; formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais”. Os alunos foram se

²⁰ Esta atividade não estava prevista no projeto de intervenção, mas foi uma sugestão da Prof.^a Dr.^a Silvana Aranda, na banca de qualificação, como forma de incluir a leitura de texto literário aos alunos e que iria ao encontro de minha proposta. Esta sugestão foi acolhida, organizada e desenvolvida.

²¹ Livro de literatura infantil com autoria de Alfredo Garcia, Editora Paulinas de Porto Alegre, 2014.

empoderando destas nossas discussões de forma espontânea e agindo também de maneira autônoma na mediação dos conflitos.

Figura 7 – Literatura infantil: “Quando um não quer dois não brigam”



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

A leitura da literatura infantil foi realizada para os alunos sentados sobre o tapete e organizados em formato de “U”. Estes ouviram atentamente a história, achando cômico e também expressando sentimentos de surpresa, principalmente quando eram lidas situações de violência com as autoridades (policiais e generais), entidades que presam pela segurança da população e na circunstância: envolvendo-se em brigas.

Ao final da leitura, perguntei aos alunos o que haviam pensado sobre a história e relataram que gostaram e que era divertida, mesmo demonstrando espanto em alguns momentos. Uma das alunas relatou que gostou, mas não nos momentos que surgiam as brigas. Já os outros alunos disseram que foi divertido vê-las. É importante destacar que estes são os mesmos mencionados pelos colegas acima, que entram em conflito diariamente com as outras crianças.

José: *Legal, era briga para todos os lados.*

Joel: *Legal todos se batendo, lutando, até o general.*

Os alunos acima discordam diariamente das decisões dos colegas, querendo que apenas a sua ideia prevaleça, também brigam com empurrões, chutes e insultos no pátio da escola, muitas vezes entre eles mesmos, conforme observações descritas no *Diário da Orientadora Educacional*:

Durante um jogo de futebol no pátio da escola, o aluno Joel dá um carrinho no colega José, derrubando-o, e em consequência o machucou. Esta atitude se deu porque o menino José iria cobrar a lateral (Saída de bola), e o Joel não quis, dizendo não ter saído. (DIÁRIO DA ORIENTADORA EDUCACIONAL, 2016, fl. 06).

Após os relatos dos meninos sobre a história, de que gostaram das brigas, uma das colegas realizou uma intervenção sobre os alunos, mostrando que, ao final do texto, ocorreu a conciliação dos personagens principais.

Eliza: *Mas não é legal brigar, Joel! Tu viste todos começaram a brigar e o Mingau e Manabu depois ficaram amigos.*

Como professora e mediadora naquele momento optei por deixar os alunos expressarem seus sentimentos e perceberem o que estavam vivenciando. Segundo Mousinho et al. (2010, p. 95) “O mediador pode atuar criando pequenas mudanças e problemas para que a criança perceba, inicie, tolere mudanças e aprenda a lidar com estas situações”. E durante as próprias discussões puderam perceber que compreenderam que as brigas não solucionam os problemas, tanto que o aluno Joel gostou das brigas, mas também sabe que não é o mais adequado (embora pratique em alguns momentos), como expressou em sua fala:

Joel: *Eu sei que não devemos brigar e que a briga não resolve os problemas. O gato e o cachorro começaram a brigar pelo osso, e depois resolveram dividir, e parou a briga deles, e as outras pessoas seguiram brigando. Nem sabiam por quê.*

Após a conversa expliquei que, como puderam perceber naquela história, os conflitos haviam surgido por falta de diálogo. E que eles teriam que escrever em tiras de papel, já entregues, as possíveis mediações para conflitos como os da história. No momento seguinte, os alunos foram colando suas propostas no cartaz e explicando o que haviam escrito. As mediações propostas por eles foram, na sua maioria, que era necessário conversar e saber o porquê de estarem brigando.

Assim, foi possível perceber que os alunos compreenderam que é através do diálogo que realizamos as mediações e amenizamos os conflitos vividos diariamente. A partir destas compreensões é possível reconhecer nelas a percepção que o pesquisador Tomás (2010, p. 31) traz sobre a promoção do diálogo como processo de mediação:

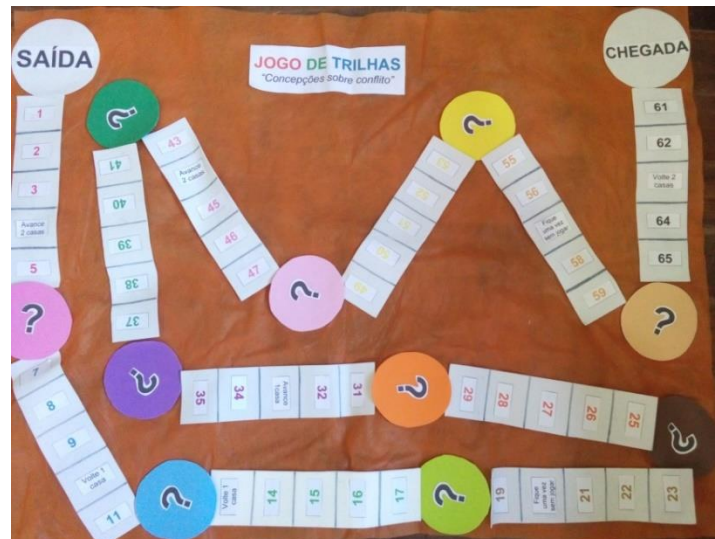
A mediação escolar é um processo cooperativo de gestão de conflitos, estruturado, voluntário e confidencial, onde uma terceira pessoa – o Mediador –, através de técnicas específicas de escuta, comunicação e negociação, apoia as partes em conflito, promove o diálogo e ajuda a encontrar soluções justas e satisfatórias para ambas as partes.

O diálogo como auxílio das mediações dos conflitos também foi usado pelos alunos durante o “*Jogo de trilhas: Concepções de conflito*” com o mesmo formato, estrutura e regras gerais de um jogo de trilhas. O objetivo deste era esclarecer aos alunos algumas concepções do conflito e as mediações, esta foi realizada na quarta aula. No decorrer das perguntas sobre mediações, os alunos expuseram que a conversa é a melhor justificativa para a resolução dos conflitos.

José: *Tem que conversar para não brigar.*

O jogo foi realizado pelas crianças e todas as perguntas feitas foram respondidas conforme a realidade cotidiana de cada um e sobre as discussões das aulas anteriores. Exponho abaixo (figura 8) a imagem do jogo para melhor compreensão deste.

Figura 8 – Imagem do Jogo de trilhas: “Concepções sobre conflito”



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Durante as perguntas sobre mediação, os alunos propuseram e responderam que esta era importante para que os sujeitos interagissem conversando e tivessem uma relação de respeito uns com os outros. E referente aos questionamentos sobre conflito, os futuros mediadores respondem que estes deveriam ser amenizados através de conversas com seus colegas e, sempre que necessário, seriam realizadas intervenções, para que os colegas não briguem mais uns com os outros.

Na metade do jogo, um dos alunos ainda não havia respondido nenhuma pergunta, pois não chegava a casa (“?”²²) e este começou a ficar chateado e questionar por que só ele não respondia, não querendo mais jogar. Foi explicado que eram as regras²³ do jogo e que também era questão de sorte parar na “casa sorteada”. Neste momento, um dos colegas que teria que responder pediu para passar para ele, para o aluno que estava queixando-se.

Professora: José, “Um aluno brigou com o colega, o que devemos fazer?”

José: Professora, posso dar para o Joel responder?

Professora: Não, José, você responde a sua e o Joel responde as dele, isso é um jogo e as regras devem ser seguidas. Vamos lá.

²² Casa do jogo, na qual era sorteada uma pergunta e o aluno deveria responder.

²³ “[...] o entendimento de regra como indicativo das formas de como proceder, atribuindo uma condição normativa (de possibilidade) aos jogos de linguagem. [...] As regras não apenas orientam o sentido que devemos dar ao conhecido, mas ainda as formas de como devemos conhecer”. (PINHO, 2013, p.60).

Nesta ação foi possível perceber que os alunos estão sentindo-se envolvidos com as dinâmicas realizadas e com a proposta de trabalho. Sentem a necessidade de ajudar aos colegas e não deixá-los “tristes”. A minha atitude como mediadora do jogo em não aceitar a troca do jogador para responder, foi priorizar as regras e mostrar aos alunos que em alguns momentos de nossas vidas as nossas vontades não são prevaletidas e que também nem sempre ganhamos, o sentimento de frustração também fazem parte do nosso crescimento. Ao continuar o jogo, o aluno que estava chateado por não conseguir responder, logo teve sua vez, voltando a querer jogar novamente e vibrando.

Esta atividade ficou extensa ultrapassando o tempo determinado para a atividade, mas foi possível concluí-la e retomar as discussões das atividades anteriores (conflito, paz e mediação), retomando-as com todos os alunos, ou seja, todos tiveram a oportunidade de responder o que entenderam. Ao finalizar o jogo, os três primeiros ganhadores foram surgindo, mas o aluno Joel não concordou com os vencedores, ficando bravo.

Joel: Isso é panelinha. Nunca mais vou jogar.

Nesta situação, como mediadora aproveitei a oportunidade para mostrar a todos os alunos um exemplo de conflito consigo mesmo, explicando:

Professora: Joel, não teve panelinha. As casas que tu avançou foram a quantidade que tu jogou no dado. Esse sentimento que estas sentindo é conflito. Tu estas em conflito contigo mesmo, estás triste com alguma coisa que você não conseguiu. E como podemos amenizar isso? (Foi questionado à turma).

Enquanto interventora quis mostrar aos alunos que sentimentos, como os apresentados acima por um dos alunos, também podem ser caracterizados como conflito, tendo como base o que Chrispino (2007, p. 23) aponta sobre os tipos de escola, e eu diria também, como “tipo” de professor, “aquela que assume a existência de conflito e o transforma em oportunidade e aquela que nega a existência do conflito e, com toda a certeza, terá que lidar com a manifestação violenta do conflito”. Frente a esta oportunidade, tentei mostrar aos alunos que o conflito acontece também de forma intrapessoal, sendo estes os que moveram o aluno a expor sua indignação ao perder o jogo. Estas identificações são percebidas

e vêm ao encontro do que argumenta Pacheco (2006, p. 52), quando destaca que é necessário ter consciência de que o conflito resulta:

[...] será importante que se identifiquem as diversas causas subjacentes à ocorrência do conflito (quer ele seja de interesse, de valor, de relação, de estrutura, de factos, ...), tendo sempre consciência de que o conflito resulta da maior ou menor valorização atribuída à questão em causa ou mesmo em virtude da nomeação diversa/divergente dos próprios factos/actos. Perante as diversas realidades, surgem habitualmente respostas de pura demissão, de negação, de “eu ganho/tu perdes”, ou de confronto violento.

Diante das diversas situações habitualmente ocorridas durante as relações interpessoais e intrapessoais é viável que além dos conflitos ocorridos, também surjam imediatamente mediações. E um dos alunos, percebendo o ocorrido, tentou argumentar, realizando sua mediação:

José: Conversando, porque é um jogo, alguns perdem outros ganham. Hoje eu ganhei, no outro dia eu posso perder.

Este mesmo aluno que ficou chateado durante o jogo é o mesmo que já foi observado em outras ocasiões, como recreios e brincadeiras no pátio e sala de aula da escola: sua reação sempre era de descontentamento, quando contrariado, ou no momento em que não prevalecia sua vontade.

A percepção que se teve é que ainda era necessário trabalhar e dialogar mais sobre a necessidade da mediação dos conflitos com os alunos e as dificuldades que estes apresentavam. E para finalizar as intervenções, a realização da sétima e última aula foi a construção de um vídeo com os alunos, no qual foram filmados relatando o que aprenderam e entenderam sobre conflito. Foi feita a pergunta para cada criança, sobre a qual responderam um de cada vez.

Os depoimentos foram breves, mas diretos e objetivos, os alunos em sua maioria responderam que conflito era briga. No entanto, também quiseram dar exemplos de discussões, diferenças e escolhas, conforme descrevo abaixo:

Eliza: Conflito é briga, discussão, é... quando um quer brincar de uma coisa e o outro não quer, ai fica discutindo. Ai sempre tem que ficar um para brincar um pouquinho de uma coisa e um pouquinho de outra.

Joel: Que é briga, diferença de pensamentos, e quando a pessoa quer uma coisa e a outra não quer.

Roberta: Que é guerra, que é bater em mulher, bater em pessoas e que também é como um quê uma coisa e o outro também quê que é outra.

Pode-se perceber que embora tenham associado conflito com brigas, também compreenderam que estes são diferenças de pensamentos ou ideias, de acordo com Pacheco (2006, p. 53), quando esclarece que conflito também resulta de competição.

[...] o conflito resulta muitas vezes de alguma situação de competição. Mas competir não é lutar certo contra errado. Competir significa, na grande maioria das vezes, a prevalência de uma boa ideia em desfavor de outra boa ideia, pois se assim não fosse não haveria força suficiente para manter a argumentação.

Se estas competições ou ideias distintas forem compreendidas poderão ser encaradas de forma mais positiva e com eficácia na mediação e absorção das concepções de conflito. (PACHECO, 2006).

E para que eu pudesse realizar uma breve avaliação ao encerrar as aulas, após a gravação do curta-metragem com os relatos e análise dos alunos, juntamente com as entrevistas efetuadas para o diagnóstico (para a construção do projeto), pude realizar uma comparação como forma de avaliar o antes e o depois das atividades realizadas. Assim percebeu-se que os alunos em sua maioria não tinham muito conhecimento sobre a palavra conflito, ou seja, esta não estava em seu vocabulário. A compreensão inicial dos alunos do 2º ano foi aos dois extremos, sendo elas associada a algo ruim, como fazer tema e arrumar o quarto, e também como qualquer coisa boa de comer. E após as atividades realizadas na intervenção, os alunos conheceram a palavra “conflito” e ao final identificaram-na como briga. Embora a concepção final dada por eles, não tenha sido a esperada por mim como interventora, foi possível perceber que durante todas as atividades os alunos se expressaram e relataram diversas vezes que os conflitos também são diferenças de pensamento, apesar de que, nas ações diárias, estes caracterizaram as duas concepções de conflito apresentadas no início deste projeto, seja ele como caracterização de violência ou discordâncias. E também compreenderam a ação que leva ao conflito, quando não há uma mediação, ou seja, tornando-se agressão. Já os alunos do 3º ano inicialmente compreendiam que conflitos eram problemas e brigas, e, ao final, relacionaram de forma mais próxima de uma das possíveis concepções do conflito apresentadas nesta pesquisa, ou seja, perceberam que o conflito é caracterizado como diferença de pensamentos e escolhas, das quais fazem parte sentimentos de frustrações entre pares ou consigo mesmo, no caso conflito

interpessoal e intrapessoal, embora suas ações tenham sido distintas das suas falas e relatos, pode-se perceber que a compreensão deles foi satisfatória.

6 TECENDO AGORA AS ÚLTIMAS PALAVRAS

[...] Hoje, eu aprendi a tecer também, a tecer o meu próprio tecido. E hoje teço do avesso porque aprendi com Tecelina, que aprendeu com Tude e Tício, que aprenderam com tanta gente. (SOUZA, 2007, p. 38).

Neste Relatório Crítico Reflexivo, me propus pesquisar sobre as diversas concepções do conflito, a necessidade de mediá-los e também a importância de incluir este tema aos currículos escolares, relacionando com as contribuições teóricas de Hammes, Chrispino, Pacheco e Santomé. Para isso, lancei a proposta, no projeto de intervenção, que além de ser fundamentada também buscou desenvolver nos alunos a análise e a mediação dos próprios conflitos escolares presentes entre eles dentro da sala de aula, trabalhando através de aulas.

Penso que o objetivo foi alcançado, visto que alguns dos alunos, antes da intervenção, não compreendiam e não conheciam a palavra e o significado de conflito, respondendo e associando com algo ruim (fazer temas, arrumar o quarto e etc.), e outros relacionavam com ações de violência.

Ao final das aulas desenvolvidas, durante a intervenção, pode-se realizar uma comparação destas compreensões, que haviam sido apresentadas no início da investigação, através de uma entrevista, com o curta-metragem realizado na última aula. Os alunos inicialmente apresentaram uma construção diferente a do início (dito na entrevista), ou seja, caracterizaram previamente o conflito como situações de violência quando não há mediação adequada.

Percebi que os alunos do 2º ano concluíram com essa fala (de que o conflito caracteriza-se como violência), mas suas ações, como puderam ser percebidas nas descrições das aulas, foram diferentes. Os alunos demonstraram preocupação com os colegas quando estes não agiam de forma adequada e não apresentavam boas atitudes. Quando isto era percebido, realizavam as mediações necessárias e frisavam a necessidade e importância de respeitar o pensamento dos outros colegas. Já os alunos do 3º ano, inicialmente apresentavam breve compreensão sobre o conflito e, ao final, caracterizaram como diferença de pensamento, também realizando mediações com os colegas durante situações conflituosas vivenciadas na sala de aula e no pátio da escola pelos seus próprios amigos e colegas.

Referente à mediação de conflitos, os alunos realizavam de forma proposital, intervindo nas ações dos colegas através da conversa e, também, de maneira inconsciente repreendendo-os, agindo logo que percebiam a presença do conflito. Embora os alunos não tenham uma preparação exclusiva de mediadores, (já que para tornarem-se mediadores, precisam de formação e conhecimento específico), puderam perceber a necessidade desta e o resultado que esta pode apresentar na relação entre os pares.

E, com estas percepções é que tenho mais convicção de que a proposta de discutir o conflito nos currículos escolares é necessária e importante, para que a comunidade escolar tenha um novo olhar e uma nova compreensão do conflito, tornando-o parte das discussões diárias. Na escola Lauro Ribeiro não são percebidas com frequência atitudes violentas, mas, assim como em todos os ambientes em que se apresentam relações de pares, o conflito está presente. O que precisa ser trabalhado é que a violência e a agressão se tornam uma resultante do conflito, quando não se tem o processo de mediação, já que o conflito está diariamente entre os sujeitos nas suas relações, frustrações e descontentamentos. É necessário ter essa compreensão para que haja respeito entre as diferenças presentes nessas interações. Diante da pesquisa realizada e dos resultados obtidos, é possível dizer que, após a inclusão dos conflitos escolares no currículo escolar, a convivência entre os sujeitos se tornará mais respeitosa e compreendida.

Ao me aproximar da finalização desta escrita, percebi que se faz necessário refletir diariamente sobre minha prática como docente e também sobre a condição de orientadora educacional, que as propostas de trabalho devem ser sempre repensadas e, após, avaliadas para que haja uma melhora e uma readequação, caso surjam necessidades.

Como uma avaliação desta, inicialmente senti a necessidade e o interesse de dar continuidade a esta pesquisa com estes mesmos alunos, a qual será realizada em outro momento, como um retorno para os alunos atuantes e, também, para a comunidade escolar. Esta se dará através da apresentação do curta-metragem como um resultado deste trabalho e forma de divulgação.

A partir destas reflexões e análise mais aprofundada da temática exposta acima, surge um novo interesse de dar continuidade a esta pesquisa, abordando este tema com os docentes e não como atuante do meio, mas sim com espectadora.

E espero que, devido ser uma pesquisa do tipo intervenção, possa auxiliar outros trabalhos e pesquisadores que queiram ousar, incluindo os alunos na mediação de seus próprios conflitos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim. **A resolução de conflitos como ferramenta de constituição psicológica e social.** In: BÁSICA, Secretaria de Educação, EDUCAÇÃO, Fundo Nacional de Desenvolvimento da. **Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 59 -66. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/liv_etic_cidad.pdf> acesso em 10 de maio de 2016.

BARBOSA, Eduardo F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais.** 2008. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf> acesso em 22 set. de 2015.

BRASIL. Decreto nº 72.846, 26 de setembro de 1973. **Regulamentada a Lei n.º 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional.** Diário Oficial, Brasília, DF, 27 set.1973. Seção 1, p. 9746.

CHEVITARENSE, André Leonardo; MOURA, José Francisco. **Violência Urbana e a Questão da Stásis na antiguidade Grega.** In: BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; MOURA, José Francisco. **Violência na História.** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2009, p. 21-39.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007.

CHRISPINO, Álvaro; CHRISPINO, Raquel. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar.** São Paulo: Editora Biruta, 2002.

CONFLITO e diversidade. Vídeo - Fragmento do livro 3 - Liga pela Paz. disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZOzD7atOo8>> acesso em 29 set. de 2016.

DAMIANI, Magda Floriana. ROCHEFORT, Renato Siqueira. CASTRO, Rafael Fonseca de. DARIZ, Marion Rodrigues. PINHEIRO, Sílvia Siqueira. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica.** Cadernos de Educação, Pelotas, n.45, p. 57-67, julho/agosto. 2013. Disponível em <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/issue/current>> Acesso em: 05 set. 2015.

EAGLETON, Terry. **Cultura em crise**. In EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: editora UNESP, 2005, p. 51-77.

ESTÊVÃO, Carlos Vilar, **Educação, conflito e convivência democrática**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 503-514, out./dez. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Curitiba: Positivo, 2008.

GARCIA, Alfredo. **Quando um não quer dois não brigam**. 9. Ed. Porto Alegre: Editora Paulinas, 2014.

HAMMES, Lúcio Jorge. **Formas de resolução de conflitos em escolas públicas de Jaguarão, RS**. In: SELAU, Bento; HAMMES, Lúcio Jorge. **Educação inclusiva e educação para a paz: Relações possíveis**. São Luiz /MA: EDUFMA, 2009, p. 87-95.

JARES, Xerus R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Átila, 2000.

MALTA, Débora, et al. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. Rev Bras Epidemiol, v.14, ed.1, p 166-77, 2011. Disponível em: http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/7735/art_MELO_Familia_e_protecao_ao_uso_de_tabaco_2011.pdf?sequence=1.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENA, Janet Gonzalez. **Fundamentos da educação infantil**. São Paulo: AMGH editora Ltda, 6ª ed, 2015.

MORAES, Ana Maria. NEVES, Isabel Pestana. **Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista.** Revista Portuguesa de Educação, n. 20 (2), p. 75-104 (2007). Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php/script_sci_serial/pid_08719187/Ing_pt/nrm_iso>. Acesso em: 20 Dez. de 2015.

MORGADO, Catarina. OLIVEIRA, Isabel. **Mediação em Contexto Escolar: transformar o conflito em oportunidade.** Portugal, Exedra, v. 1 , p. 43-56, 2009. Disponível em: <http://gajop.org.br/justicacidade/wp-content/uploads/Media%C3%A7%C3%A3o-em-contexto-escolar-transformar-o-conflito.pdf>.

MOUSINHO, Renata. et al. **Mediação escolar e inclusão: Revisão, dicas e Reflexões.** Rev. Psicopedagogia, São Paulo, v. 27. Ed. 82, p 92-108, 2010. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862010000100010.

PACHECO, Florinda Maria Coelho. **A gestão de conflitos na escola a mediação como alternativa.** Lisboa: 2006. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/666/1/LC209.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2015, 16:32.

PINHO, Patrícia Moura. **Numeramentalização: olhares sobre os usos dos números e dos seus registos em jogos de práticas escolares na Contemporaneidade,** 2013. Tese de Doutorado em Educação, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A função aberta da obra e seu conteúdo.** In: SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo.** Revisão técnica: Miguel González Arroyo. Porto Alegre: Penso, 2013, p.9-35.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p.159-177.

SANTOS, G. E. **Intervenção com famílias portadores de deficiências especiais: o caso de pais agressores,** 2001. Dissertação de Mestrado em Educação Especial, São Paulo: Universidade Federal de São Carlos.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p 105-122, Jan/jun. 2001.

SANTOS, Luciane Idêne dos. **A leitura de imagens visuais como recurso pedagógico no ensino da arte: uma experiência com alunos do ensino fundamental**, 2006. Monografia de Especialização em Ensino da Arte, Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC.

SOUZA, Gláucia de. **Tecelina**. 4.ed. Porto Alegre: Editora Projeto, 2007.

TOMÁS, Catarina Alexandra Ribeiro. **Mediação Escolar – para uma gestão positiva dos conflitos**. Coimbra, 2010.

TRANSFORMANDO as emoções. Vídeo - Fragmento do livro 1- Liga pela paz. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K_qtWPPiGLI> acesso em 29 set. de 2016.

VASCONCELOS, Carlos Eduardo de. **Mediação de conflitos e práticas restaurativas**. São Paulo: Método, 2008.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. - Brasília: Plano Editora, 2003.

ZAMPA, Daniel F Martinez, **¿De qué hablamos cuando hablamos de mediación educativa?**. Revista de Mediación, Madrid, ano 2, n. 3, p. 38-44, 2009.

APÊNDICE A - Entrevista



GUIA DE ENTREVISTAS COM OS ALUNOS

BLOCO A (Identificação)

- 1) Qual seu nome? _____
- 2) Quantos anos você tem? _____
- 3) Qual sua turma? _____

BLOCO B (Conhecimento sobre o tema)

- 4) O que é conflito para você?

APÊNDICE B - Questionário**QUESTIONÁRIO****Bloco A (Identificação)**

- 1 Sexo: () Masculino () Feminino
- 2 Idade: _____
- 3 Tempo de serviço: _____
- 4 Tempo de serviço nesta escola: _____
- 5 Formação:
Graduação _____ Especialização _____

Bloco B (Quanto ao colégio)

- 6 A escola Lauro Ribeiro é um local interessante para as pessoas que nele trabalham?
- 7 Na tua opinião, a escola tem um ambiente amigável e uma boa recepção a visitantes e novos alunos?
- 8 As pessoas que trabalham na escola instigam os alunos a preocuparem-se uns com os outros?
- 9 Quais tipos de conflitos são mais frequentes entre os alunos nesta escola?
- 10 A escola tem um procedimento para ajudar os professores a lidar com os conflitos? Tens interesse?

Bloco C (Quanto ao trabalho docente)

- 11 Qual a solução mais adequada para resolver os conflitos na escola, entre os alunos e professores?

- 12 Os alunos ocupam algum tempo da aula para trabalhar sobre conflitos, violência ou agressão e/ou tentarem conjuntamente resolverem problemas?
- 13 Os alunos são encorajados a colocar os seus problemas durante suas aulas?
- 14 Enquanto professor (a), como é que tu te posicionas em relação aos conflitos na sala de aula?
- 15 Quais as estratégias utilizadas por ti e por teus colegas para incluir os alunos na sala de aula e na escola?
- 16 No teu ponto de vista, qual a melhor estratégia para mediar os conflitos no ambiente escolar?
- 17 Na tua escola, tem algum profissional responsável para mediar esses conflitos?

ANEXO A - Carta de Apresentação**Programa de Pós-graduação
em Educação (PPGEdu)**

Jaguarão, 28 de março de 2016.

À

Sr.^a Maria do Carmo Teixeira

Diretora da Escola Municipal de Educação Básica Lauro Ribeiro

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Servimo-nos deste expediente para apresentar a estudante QUELEN PEREIRA PINHEIRO devidamente matriculada no Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação, em fase inicial, na elaboração do Projeto de Intervenção, requisito obrigatório para o título.

Gostaríamos de contar com Vossa Senhoria no tocante às informações que a pós-graduanda precisa coletar para realizar o diagnóstico do Projeto de Intervenção.

Este documento não contém emendas e rasuras.

Prof.ª Dr.ª Patrícia dos Santos Moura

Orientadora – UNIPAMPA/Campus Jaguarão

ANEXO B - Termo de Consentimento



Termo de consentimento Livre e Esclarecido

O (a) seu (a) filho (a) _____ está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), da pesquisa sobre *conflito escolar na escola municipal de educação básica Lauro Ribeiro*, que está sendo desenvolvida pela Mestranda e Orientadora Educacional Quelen Pereira Pinheiro.

A pesquisa tem por objetivo propor a análise e a mediação das situações de conflito que ocorrem na sala de aula pelas próprias crianças. Para tanto, será realizado uma entrevistas com os alunos sobre o assunto e será gravado em áudio.

A participação dos alunos nesta pesquisa não implicará em nenhum gasto. As informações serão analisadas e utilizadas apenas para este trabalho, não sendo mencionados os nomes em nenhuma apresentação oral, nem em trabalhos escritos referentes à investigação que venha a ser publicado.

A Mestranda e Orientadora Educacional Quelen Pereira Pinheiro está sendo orientada pela Prof.^a Dra. Patrícia Moura, a qual é professora da Universidade Federal do Pampa.

Assinatura do (a) responsável pelo (a) entrevistado (a)

Assinatura da Pesquisadora

Jaguarão, _____ de _____ de 2016.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unipampa – Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592, Prédio Administrativo – Sala 23, CEP: 97500-970, Uruguaiana – RS. Telefones: (55) 3911 0200 – Ramal: 2289, (55) 3911 0202. Telefone para ligações a cobrar: (55) 8454 1112. E-mail: cep@unipampa.edu.br